

MINISTÉRIO DA CULTURA E COORDENAÇÃO CIENTÍFICA
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

ANTÓNIO VIEIRA

LIVRO ANTEPRIMEIRO
DA
HISTÓRIA DO FUTURO

Nova leitura,
Introdução e notas
por
José van den Besselaar

BIBLIOTECA NACIONAL
LISBOA
1983

- ¹⁹ Trad.: “Quando estão sempre à procura de novos prazeres da mesa e os mares vizinhos são incapazes de lhes satisfazer à guloseima, por que razão se contentam, só no estudo das Escrituras, com coisas de saber antigo?” (São Jerónimo, *Praefatio in Librum Psalmorum*; mais um erro de Vieira; cf. a nota anterior).
- ²⁰ do Concílio oitavo toletano, que se realizou em 653.
- ²¹ Trad.: “Em assuntos de ordem moral, ele (= Gregório Magno) deve, com toda a razão, ser preferido a todos os outros” (ap. J. D. Mansi, *Sacrorum Conciliorum... Collectio*, vol. X, p. 1215).
- ²² Ricardo de São Vitor, *Expositio Tabernaculi Foederis*, Prologus.
- ²³ competência = “competição”.
- ²⁴ Trad.: “Conta, se podes, as estrelas!” (*Gen.* 15,5).
- ²⁵ Cf. 3 Reis 17
- ²⁶ Vitória, nome de uma das naus de Fernão de Magalhães.
- ²⁷ O que é imenso... O que é infinito, isto é, Deus.
- ²⁸ o distraído = “o amante de distrações/prazeres”.
- ²⁹ O grande padre Soares, isto é, Francisco Suárez (Granatense).
- ³⁰ Mezcénio; cf. Virgílio, *Aeneis*, VIII, 481-488.
- ³¹ Trad.: “Também David ousa reivindicar para si um dom maior de sabedoria do que tinham os seus mestres e antecessores, dizendo: ‘Compreendi mais do que quantos me ensinaram’ [Ps. 118,99]; do mesmo modo fala o profeta Daniel, quando diz: ‘Muitos passarão e haverá múltipla ciência’ [Dan. 12,14], prometendo ele também mais ampla notícia das coisas aos vindouros” (São Bernardo, *De Baptismo*, 3).
- ³² F. Petrarca, *Triunfo della Fama*, III, 103-105.
- ³³ o nosso discreto (= fino) Espanhol, isto é, Marcial (ver índice).
- ³⁴ Trad.: “Como poderei explicar que se negue a fama aos vivos? E porque é tão raro o leitor que aprecie os livros do seu tempo? Decerto é a inveja, ó Régulo, que produz tais costumes: ela prefere sempre os antigos aos modernos. Assim, ingratos como somos, procuramos a sombra [do velho Pórtico] de Pompeu; assim os velhos louvam o templo trivial de Cátulo. Tu, Roma, lias Ênio durante a vida de [Virgílio] Maro, e o Meónide (= Homero) foi metido a ridículo pelos seus contemporâneos” (Marcial, *Epigrammata*, V, 10, 3-10).
- ³⁵ Cf. *Lc.* 9,8.
- ³⁶ Cf. *Mt.* 6,14.
- ³⁷ Cf. *Joh.* 1,27.
- ³⁸ Trad.: “Eis que renovo tudo” (*Apoc.* 21,5).
- ³⁹ Trad.: “O Senhor criou uma coisa nova sobre a terra: uma mulher cercará [no seu seio] um varão” (*Jer.* 31, 22; uma referência à Encarnação).
- ⁴⁰ Trad.: “um alvo de contradição” (*Lc.* 2,34).
- ⁴¹ Trad.: “O aríete, nunca antes disparado, se diz que aquela ‘feroz e belicosa Cartago’ [Virgílio, *Aeneis*, I, 18] foi a primeira a servir-se dele como máquina de guerra, dotando-o de um impetuoso movimento vibratório. Contudo, quando a vida da pátria declinava ao fim e o aríete, já romano, ousava atacar-lhe as muralhas, outrora suas, espantaram-se os Cartagineses como diante de um novo invento estrangeiro. “Tanta alteração pode criar um longo lapso de tempo” [Virgílio, *Aeneis*, III, 415] (Tertuliano, *De Pallio*, 1).
- ⁴² As pirâmides e obeliscos; três obeliscos foram transportados do Egipto para Roma, onde ainda se encontram; claro que nunca foi transportada uma pirâmide para a Cidade Eterna, mas talvez constituam “as pirâmides e obeliscos” um hendiadis: “pedras monolíticas em forma de agulha piramidal”.
- ⁴³ os céus sólidos e incorruptíveis que, devido à autoridade de Aristóteles, se defendiam na filosofia escolástica, ficaram sendo suplantados pelos “céus fluidos”, graças às observações de Brahe, Kepler e Galileu. “A nova opinião” era ensinada em Portugal já em meados do século XVII.
- ⁴⁴ Cf. *Joh.* 9.
- ⁴⁵ os de Belisário foram construídos no século VI por Belisário (general do imperador Justiniano); o papa Urbano VIII reinou de 1623 a 1644.
- ⁴⁶ Trad.: “A genuína divindade não se julga pela modernidade nem pela antiguidade, senão pela sua verdade” (Tertuliano, *Adversus Marcionem*, I, 8).
- ⁴⁷ *Mt.* 13,52.
- ⁴⁸ Trad.: “Não disse as velhas e as novas, o que certamente teria dito, se não preferisse manter a ordem dos merecimentos, a observar a dos tempos” (Santo Agostinho, *De Civitate Dei*, XX, 4).
- ⁴⁹ Trad.: “A ti deve a grata posteridade o ter compreendido o que, antigamente, se venerava sem o compreender.”

CAPÍTULO DUODÉCIMO

*Dá-se a razão por que em algumas partes
desta história se não alegarão Padres
e se seguirão exposições de escritores modernos*

Posto que o nosso intento é seguir, enquanto nos for possível, as pisadas dos antigos Padres, como primeiros pais e lumes da Igreja depois dos apóstolos (os quais apóstolos não entram nesta controvérsia, porque em tudo o que escreveram foram alumados pelo Espírito Santo, e segui-los, como havemos de seguir em tudo, não só é cortesia, reverência e piedade, senão obrigação), e posto que o nosso desejo fora levar sempre diante dos olhos esta segunda tocha, para alumiar e penetrar com sua luz (como dizíamos) o escuro das profecias, contudo, porque não é nem será possível seguir em algumas cousas das que dissermos este nosso intento e desejo, pede a razão e ordem da mesma escritura que, antes de passar mais adiante, desfaçamos este reparo, para que os menos doutos ou mais escrupulosos não toquem nele e levem desde logo entendidas as causas do que fizermos, e os fundamentos, licença ou autoridade que temos para o fazer.

Ver-se-á em algumas partes desta história que ou não alegamos Padres antigos, ou nos desviamos da explicação que deram a alguns lugares da Escritura; o que não faremos senão com grandes razões que a isso nos obrigam, sem ofensa da reverência que lhes devemos e sem menoscabo da verdade que seguimos, antes para maior segurança e fundamento dela; a qual é nosso intento e obrigação buscar e descobrir, onde quer que se ache, antepondo este respeito a qualquer outro, pois à verdade se deve o maior de todos.

As razões que a isso nos obrigam, são três: primeira, porque os doutores antigos não disseram tudo; segunda, porque não acertaram em tudo; terceira,

porque não concordaram em tudo; e em qualquer destes casos nos pode ser não só lícito e conveniente, senão ainda necessário seguir o que se julgar por mais verdadeiro; porque nas cousas que não disseram, é forçoso falar sem eles; nas cousas em que não acertaram, é obrigação apartar-se deles; e nas cousas em que não concordaram, é livre seguir a qualquer deles, e também será livre e lícito deixar a todos, se assim parecer, como logo explicaremos.

PROVA-SE A PRIMEIRA RAZÃO

Primeiramente, é certo que os Padres antigos não disseram tudo, e se prova claramente com a experiência e lição de seus próprios livros, nos quais se não acha memória de muitas cousas grandes e doutas, achadas e acrescentadas depois, não só nas outras ciências divinas, mas na inteligência das mesmas Escrituras Sagradas e, particularmente, nas dos profetas, que nos tempos mais chegados a nós se descobriram, disputaram e entenderam como se lêem nos escritores modernos. E posto que para os versados na lição de uns e outros bastava esta suposição¹ somente apontada, porei aqui para os demais as palavras de dous grandes autores: Castro e Canísio, ambos do século antecedente a este nosso, e ambos diligentíssimos investigadores da Antiguidade e doutíssimos na erudição da Escritura, Concílios e Padres, os quais expressamente afirmam que muitas cousas se sabem e entendem hoje que foram ou ignoradas dos Padres antigos (como fala Castro) ou incógnitas a eles (como mais cortesmente diz Canísio).

As palavras deste segundo, no livro primeiro *De Beata Virgine*, capítulo sétimo, são as seguintes: *Demum habuerint Patres suorum temporum rationem, quibus multa vel prorsus incognita erant vel obscura, neque satis evoluta, quae posteris diligentius excutienda et clarius illustranda explicandaque, non sine certo Dei consilio, relinquebantur*². E Castro, no livro primeiro *Adversus Haereses*, capítulo segundo, depois de provar o mesmo com um lugar do capítulo sexto dos *Cantares* (que abaixo citaremos³), conclui assim: *Quo fit ut multa nunc sciamus, quae a primis Patribus aut dubitata aut prorsus ignorata fuerunt*⁴. A qual diferença se não conheceu só com a comprida experiência dos nossos tempos, senão já no dos mesmos Padres se conhecia, como muitos deles escreveram e, particularmente, entre os da primeira idade, Tertuliano, e entre os da última, Ricardo Vitorino, cujas palavras de ambos referiremos neste mesmo capítulo.

A razão de muitas cousas, que hoje se sabem, serem incógnitas aos Padres antigos, se pode considerar, ou da parte dos ditos Padres, ou da parte de Deus, ou da parte das mesmas cousas.

Da parte das mesmas cousas nos não devemos admirar que lhe fossem incógnitas, por serem muitas delas difíceis, escuras e mui recônditas nas Escrituras Sagradas e enigmas dos profetas, as quais se não podiam entender e penetrar só com a agudeza dos entendimentos, por sublimes e sublimíssimos que fossem, enquanto não estavam assistidos de outras notícias e circunstâncias, que só se descobrem com o tempo e adquirem com larga experiência.

É excelente exemplo o das outras ciências e artes, ainda naturais, as quais em seus princípios e rudimentos foram imperfeitas, e com os anos, experiência e exercício se vêem hoje subidas a tão eminente perfeição, como a náutica, a bélica, a música, a arquitectura, a geografia, a hidrografia e todas as outras matemáticas e, muito em particular, a cronologia⁵, de que neste mesmo capítulo falaremos. E assim como estas mesmas ciências e artes cresceram e se apuraram muito com o socorro e aparelho de esquisitos instrumentos que nelas se inventaram — como foi, na náutica, o astrolábio, a agulha e o admirável segredo da pedra-de-cevar⁶ e, na bélica, o terribilíssimo e subtilíssimo invento da pólvora, que deu alma e ser a tantos e tão notáveis instrumentos de guerra —, assim também puderam crescer e aumentar-se muito as ciências divinas e chegar à perfeição e eminência em que hoje se vêem, com os instrumentos próprios delas, que é a multidão de livros espalhados e facilitados por todo o mundo pelo benefício da impressão, com que a doutrina e ciência particular dos homens insignes se faz comua a todos em distantiíssimos lugares, não sendo menor a comodidade dos mestres, que são instrumentos vivos das ciências no concurso de tantas e tão frequentes⁷ Universidades, teatros e oficinas públicas de toda a sabedoria — comodidades de que no tempo dos Padres se carecia; sendo necessário ao Doutor Máximo São Jerónimo (como ele mesmo escreve⁸ copiar com imenso trabalho os livros por sua própria mão, e peregrinar à Grécia, à Palestina, ao Egipto e às Gálias para recolher os escritos de Santo Hilário, ouvir a São Gregório Nazianzeno, a Didimo e aos mestres mais peritos na língua hebraica; inconvenientes que só podia vencer e contrastar um tão alentado espírito e zelo de servir à Igreja, como o do grande Jerónimo, digno tanto de immortal louvor pela eminência de sua sabedoria, como pelos trabalhos e suores com que a adquiriu ou conquistou⁹).

Da parte dos mesmos Padres se deve igualmente considerar que deixaram de especular e dizer muitas cousas de grande importância, que depois se souberam e escreveram, porque se acomodaram à necessidade dos tempos em que viviam. Todo o intento dos Padres antigos era provar a verdade da Encarnação do Filho de Deus e o mistério de sua Cruz, a qual, na cegueira dos Judeus (como diz São Paulo) se reputava por escândalo e, na ignorância dos gentios, por estultícia; e como esta era a guerra e a conquista daqueles tempos, todas as armas da Sagrada Escritura se forjavam e acostavam contra esta resistência. E por isso os primeiros Padres e seus sucessores nenhuma cousa buscavam nos Livros Sagrados, não só proféticos, senão ainda históricos, mais que os mistérios de Cristo. É bom testemunho desta verdade o que diz Ruperto a Frederico, arcebispo coloniense, no Prólogo dos seus comentários sobre os profetas menores: *Scito me, Pater mi, sicut in caeteris scripturis, ita et in volumine duodecim Prophetarum operam dedisse ad quaerendum Christum*¹⁰. E como isto era o que só buscavam para escrever, isto era o que só achavam ou o que só escreviam, seguindo os sentidos alegóricos e místicos, e deixando ou insistindo menos nos literais, como se vê ordinariamente em todas as exposições dos Padres, que todas se empregam na alegoria, tocando muitas vezes só leve e superficialmente a letra, e talvez não sem alguma impropriedade e violência.

Assim o notaram, entre os mesmos Padres, alguns mais modernos que os antigos, e outros menos antigos que os antiquíssimos. Dos primeiros é Ricardo de

São Vítor, contemporâneo de São Bernardo, no Prólogo sobre o profeta Ezequiel, onde professa que se aparta de São Gregório, por se não chegar ao sentido literal do texto; dos segundos é o mesmo São Gregório, Padre do sexto século depois de Cristo, no Proêmio sobre os livros dos *Reis*, onde diz que lhe foi necessário em algumas partes não seguir aos Padres mais antigos, por não faltar ao fio, consequência¹¹ e verdadeira intervenção da história.

As palavras de São Gregório não refiro aqui, porque terão seu lugar mais abaixo¹²; as de Ricardo, depois de referir como os antigos Padres ocupavam seu principal estudo na alegoria, são estas: *Hinc contigisse arbitror ut litterae expositionem in obscurioribus quibusdam locis antiqui Patres tacite praeterirent vel paulo negligentius tractarent; qui si plenius insisterent, multo perfectius procul dubio quam aliquis ex modernis id potuissent*¹³. Quer dizer que “os Padres antigos, por aplicarem toda a sua indústria e engenho no sentido alegórico das Escrituras, ou passaram totalmente em silêncio, ou trataram menos diligentemente alguns lugares mais escuros delas, sendo certo (segundo eram dotados de altíssimos engenhos e enriquecidos de muita ciência e erudição) que, se insistissem no sentido genuíno e literal do texto, o poderiam conseguir mais perfeita e felizmente que qualquer dos modernos”.

De maneira que, segundo a verdade desta advertência, vem a ser a diferença entre os Padres antigos e os comentadores modernos das Escrituras a mesma que houve naqueles dous homens do Evangelho, ambos ricos e venturosos¹⁴: um que achou o tesouro e deu quanto tinha por comprar o campo em que ele estava; outro que, buscando só margaritas e achando uma preciosíssima, empregou também nela quanto tinha. Os Padres antigos, que buscavam só nas Escrituras a Cristo, acharam nelas só a Cristo, e nesta preciosíssima margarita empregaram todo o cabedal do seu estudo; os modernos, que não se determinam no tesouro das Escrituras a um só gênero de riqueza, acham, além da mesma margarita, muitas outras pedras também preciosas, e tiram daquele tesouro (como dizia Cristo) *nova et vetera*¹⁵: “riquezas novas e velhas” — as velhas, que são a notícia das verdades já passadas; as novas, que são o conhecimento de outras futuras.

Finalmente se deve considerar este silêncio das cousas que não disseram os Padres, da parte de Deus, o qual com particular providência não quis que eles por então as soubessem e escrevessem, para que a Igreja, nossa Mãe, se parecesse com seu Esposo, e conforme os anos e a idade fosse também crescendo em luz e sabedoria. Assim o notou, além de muitos outros teólogos, o mesmo Canísio, continuando o lugar acima citado: [...] *quae posteris diligentius excutienda et clarius illustranda explicandaque, non sine certo Dei consilio, relinquebantur; non enim homini tantum, sed etiam Ecclesiae Christi tempus auget sapientiam, et Spiritus Sanctus [...] aliam atque aliam doctrinae lucem patefacit*¹⁶.

No capítulo seis dos *Cantares*, onde o Esposo é Cristo e a Esposa a Igreja, estão profetizados os progressos que ela havia de ter, e se comparam com extremada propriedade à luz da Aurora: *Quae est ista, quae progreditur quasi Aurora consurgens?*¹⁷ Porque assim como a Aurora nasce das trevas da noite e começa na primeira luz, e nela vai sempre crescendo de menor para maior claridade, assim a Igreja, nascida das trevas da ignorância e infidelidade, começou em menos luz de sabedoria, e vai crescendo e aumentando-se mais e mais, de resplendor em

resplendor e de claridade em claridade, que são os termos de que usa São Paulo na segunda Epístola aos Coríntios: *Nos vero omnes revelata facie gloriam Domini speculantes, in eandem imaginem transformamur a claritate in claritatem*¹⁸. Falava o apóstolo do véu da infidelidade com que os Judeus têm cobertos os olhos para não ver a Cristo, e diz que nós, os cristãos, que somos os membros de que se compõe a Igreja, temos tirado pela fé aquele véu, e com os olhos abertos e desimpedidos, por meio da própria especulação e estudo, imos crescendo de claridade em claridade, não já passando das trevas à luz, senão de uma luz para outra, sempre maior e mais clara, transformando-se por este modo a Igreja na imagem do seu mesmo Esposo, Cristo.

Porque assim como Cristo, posto que sua sabedoria foi sempre igual e a mesma (enquanto Deus, infinita, e enquanto homem, consumadíssima), contudo nos actos exteriores e manifestação dela ao mundo, a não mostrou toda junta, senão que a foi dispensando por partes, crescendo sempre nela, ao passo em que ia crescendo nos anos, como diz o Evangelista São Lucas: *Proficiebat sapientia et aetate*¹⁹; assim a Igreja, que é o corpo místico do mesmo Cristo, transformando-se na sua imagem e retratando-se nele e por ele, vai sempre crescendo mais e mais na luz e na sabedoria, à medida que cresce nos anos e na idade. *Crescat igitur oportet, et multum vehementerque proficiat, tam singulorum quam omnium, tam unius hominis quam totius Ecclesiae, aetatum ac saeculorum gradibus intelligentia, scientia, sapientia*²⁰, disse douta e elegantemente Vicêncio Lirinense.

De sorte que vai crescendo a inteligência, a ciência e a sabedoria pelos mesmos graus do tempo em que vão crescendo e passando os anos, os séculos e as idades; e isto não só na Igreja universal e em comum, senão nos homens e doutores particulares, que são os membros de que o seu corpo, e os raios de que a sua luz se compõe. Onde se deve reparar e advertir (cousa que devera estar já muito notada e advertida) que os autores antigos e mais velhos, própria e rigorosamente falando, não são os passados, senão os presentes; não aqueles que vulgarmente são chamados os Antigos, senão os que hoje e nos tempos mais chegados a nós se chamam Modernos. Porque assim como nos anos de Cristo houve infância, puerícia, adolescência e, depois, idade perfeita, assim nos anos e duração da Igreja há a mesma distinção e sucessão de idades, com que o corpo místico dele vai crescendo e aumentando-se sempre mais, até chegar e encher a perfeição ou medida da mesma idade de Cristo, como expressamente disse São Paulo, falando dos mesmos doutores: *Alios autem pastores et doctores ad consummationem sanctorum in opus ministerii, in aedificationem corporis Christi, donec occurramus omnes in unitatem fidei et agnitionis Filii Dei, in virum perfectum, in mensuram aetatis plenitudinis Christi*²¹.

Onde se segue que os doutores da infância, da puerícia e da adolescência da Igreja foram os modernos e da ciência moderna; e os doutores da idade maior e mais propecta da Igreja são os mais velhos e mais antigos e da ciência mais antiga; porque a Igreja não se compõe das paredes mortas, senão dos membros vivos; nem foi crescendo dos nossos anos para os primeiros, senão dos primeiros para os nossos. E seria não só contra a ordem da natureza, senão contra a decência da mesma idade, que não fosse mais sábia a Igreja nos maiores anos do que o tinha sido nos menores.

Dizem contra isto os hereges (como notou Bañes) que a Igreja não está hoje mais alumiada, senão cada vez menos; e do mesmo sol tiram o argumento desta sua cegueira. Dizem que Cristo é o Sol da Igreja, e aquela primeira e verdadeira luz, *quae illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum*²² e que, quanto mais se vão apartando os nossos tempos do tempo em que Cristo viveu entre os homens, tanto os raios da sua luz são mais ténues, mais escassos e menos intensos; bem assim como a luz do sol material, e qualquer outra, alumia e aquenta mais aos que lhe ficam mais vizinhos, e menos aos que estão mais remotos e mais distantes. Mas a aparência desta razão é tão falsa como todas as de seus autores; porque, ainda que Cristo corporalmente se apartou dos homens, espiritualmente e por particular e invisível assistência sempre ficou com eles, e os assistirá (dentro porém da sua Igreja) até o fim do mundo, como prometeu a todos os verdadeiros discípulos de sua doutrina, quando lhes disse: *Ecce, ego vobiscum sum [...] usque ad consummationem saeculi*²³. Também deixou em seu lugar, por segundo Mestre de sua escola, ao Espírito Santo, igualmente Deus como ele, o qual com a mesma e não diferente luz não só alumia a Igreja com os mesmos resplendores da verdade, mas segundo a dispensação de sua providência os vai descobrindo maiores a seus tempos, ensinando e declarando aquelas ocultas e altíssimas verdades que, por menos capacidade dos discípulos, deixou Cristo de lhes dizer, quando por si mesmo os ensinava, dizendo-lhes porém (para que o herege não duvide da assistência do Espírito Santo à Igreja e cabeça dela) que o Espírito Santo lhas ensinaria: *Adhuc multa habeo vobis dicere, sed non potestis portare modo; cum autem venerit ille Spiritus veritatis, docebit vos omnem veritatem*²⁴.

E para que a perfídia herética se nos não queira acolher por pés (como imprudentemente fazem, ainda em lugares igualmente claros de outras Escrituras), fugindo para os tempos antigos, em que eles confessam que a Igreja estava verdadeiramente alumiada, ouçam ao antiquíssimo Tertuliano: *Regula quidem fidei una omnino est, sola, immobilis et irreformabilis. [...] Hac lege fidei manente, caetera jam disciplinae et conversationis admittunt novitatem correctionis, operante scilicet et proficiente usque in finem gratia Dei. Quale est enim ut, Diabolo sempre operante et adjiciente quotidie ad iniquitatis ingenia, opus Dei aut cessaverit aut proficere destiterit, cum propterea Paraclitum miserit Dominus, ut, quoniam humana mediocritas omnia semel capere non poterat, paulatim dirigeretur et ordinaretur et ad perfectam perduceretur disciplina ab illo Vicario Domini, Spiritu Sancto? [...] Quae est ergo Paracliti administratio, nisi hoc quod disciplina dirigitur, quod Scripturae revelantur, quod intellectus reformatur, quod ad meliora proficitur?*²⁵

Não me detenho em romancear²⁶ as palavras, porque são em suma tudo o que até agora temos dito. Só peço se pondere aquela nova e bem achada razão de Tertuliano: *Quid est enim ut, Diabolo sempre operante et adjiciente quotidie ad iniquitatis ingenia, etc.* Se o Demônio sempre obra e não desiste de acrescentar cada dia novos erros e novos enganos com que impugnar, e novas trevas com que diminuir e escurecer a luz da verdade e resplendor da Igreja, como havia o Espírito Santo de cessar em acrescentar sempre nela novas luzes contra essas trevas, novas verdades contra esses erros, nova claridade contra esses enganos e novas vitórias contra esse inimigo e seus sequazes? Em sua mesma cegueira tem o herege a prova da maior luz da Igreja. Por isso disse São Paulo: *Opertet haereses esse*²⁷, esse é o bem

que tira de tão grande mal aquela sapientíssima Providência, que (como doutamente disse Santo Agostinho) teve por maior glória de sua grandeza fazer dos males bens, que não permitir os males²⁸.

Assim que os que quiserem conhecer os aumentos da sabedoria, em que sempre mais e mais vai crescendo a Igreja com os anos, não devem tomar a semelhança do sol e da luz, senão a da fonte e do rio, a que o mesmo Cristo comparou sua doutrina, quando disse: *Si quis sitit, veniat ad me et bibat; qui credit in me, sicut dicit Scriptura, flumina de ventre ejus fluent aquae vivae. Hoc autem dixit de Spiritu, quem accepturi erant credentes in eum*²⁹. A luz que sai do Sol, quanto mais distante, mais se vai enfraquecendo e diminuindo; mas o rio que nasce da fonte, quanto mais caminha e mais se aparta de seu princípio, tanto mais se engrossa, porque vai recebendo novas correntes e novas águas, com que se faz mais largo, mais profundo, mais caudaloso. Tal é a sabedoria da Igreja, entrando sempre nela as puríssimas correntes da doutrina de tantos doutores católicos e sapientíssimos, que cada dia a aumentam com novos e tão excelentes escritos em uma e outra teologia³⁰, de que o nosso século tem sido mais fecundo e abundante que todos até hoje. A sabedoria da Igreja, no alumiar, é luz e, no crescer, é rio — rio daquela mesma Fonte e luz daquele mesmo Sol, que é Cristo —, conservando juntamente as luzes a claridade das águas, e as águas o resplendor das luzes naquela milagrosa metamorfoses que se conta no capítulo décimo de Ester: *Parvus fons, qui crevit in fluvium, et in lucem solemque conversus est, et in aquas plurimas redundavit*³¹. Cristo Sol, com propriedade de fonte; a Igreja Luz, com propriedade de rio; e por isso sempre mais alumiada, sempre mais vestida de resplendores.

E como por esta providência particular de Deus, e pela dificuldade e obscuridade de muitos lugares da Escritura, e pela aplicação dos Padres à confirmação de outras verdades e à resistência de outras batalhas próprias daqueles tempos, deixaram de escrever algumas cousas com que a Igreja depois se foi alumiaando e ilustrando, não é muito que nestas que eles não disseram, falemos ou hajamos de falar sem eles. Nem isto se nos deve imputar a menos veneração dos mesmos Padres doutíssimos e santíssimos, porque não querer descobrir nem saber o que eles não disseram, antes é vício de ociosidade que virtude de reverência, como bem conclui o mesmo Ricardo Vitorino acima alegado: *Sed nec illud tacite praetereo quod quidam, quasi ob reverentiam Patrum, nolunt ab ipsis omissa attentare, ne videantur aliquid ultra majores praesumere; sed inertiae suae hujusmodi velamen habentes, otio torpent et aliorum industriam in veritatis investigatione et inventionem derident, subsannant et exsufflant. Sed "qui habitat in caelis irridebit eos"*³².

Leiam e temam esta sentença os que culpam aos que não querem ser culpados nela, e advirtam que também é um dos Padres o que isto disse.

SEGUNDA RAZÃO

*Discorre-se sobre as causas que no tempo dos Padres
houve para alguns lugares dos Profetas
não poderem ser entendidos inteiramente*

Em segundo lugar³³, dizíamos que os Padres não acertaram em tudo; e posto que pudéramos provar a verdade deste fundamento com a demonstração das cousas em que não acertaram, lembrados porém da reverência que os filhos devem aos pais, e da bênção que mereceram aqueles dous honrados filhos Sem e Jafeth, quando voltaram as costas e apartaram os olhos do que em seu pai podia ser menos decente, nós também lançaremos a capa sobre esta matéria, deixando tão indigno assunto a Lutero, Calvino, Beza, Wiclef e outros legítimos herdeiros do ímpio e irreverente Cham.

Não negamos contudo que houve muitos autores católicos e pios, em cujos livros se podem ver por junto estes exemplos, os quais eles escreveram não por menos reverência que tivessem aos antigos Padres, por sua sabedoria e santidade igualmente merecedoras de eterna veneração, mas por zelo da verdade, necessidade da doutrina e cautela dos menos doutos que lessem suas obras, bem assim como os que pintam cartas de marear, sinalam no vastíssimo e profundíssimo Oceano os baixos (poucos e raríssimos, se se compararem com a imensidade de suas águas) para maior vigilância e seguridade dos que as navegam.

Escreveram neste género doutissimamente Sisto Senense, em todo o quinto e sexto livro de sua *Bibliotheca Sancta*; Ferdinando Vellosillo, bispo de Luca, nas *Advertências Teológicas sobre Cinco Padres da Igreja*; Afonso Castro, *Adversus Haereses*; António Possevino, no *Aparato Sacro*; o Cardeal César Barónio, em muitos lugares de seus *Anais*; Melchior Cano, *De Locis Theologicis*, e outros. Este último, no livro sétimo, capítulo terceiro, diz assim: *Auctores canonici, ut superni, caelestes, divini, perpetuam stabilemque conscientiam servant; reliqui vero scriptores sancti, inferiores et humani sunt, deficiuntque interdum, ac monstrum quandoque pariunt praeter convenientem ordinem institutumque naturae*³⁴.

Mas entre estes exemplos naturais da fragilidade humana podemos ler, em prova deles, outros dos mesmos Padres, em que, confessando com alta humildade e modéstia, que podiam errar como homens, nos ensinam no conhecimento que tinham de si (e nós devemos ter de nós), quão verdadeiramente eram santos e, por isso mesmo, sapientíssimos. Porei aqui as palavras dos dous maiores Doutores: um da teologia escolástica³⁵, outro da positiva — Santo Agostinho e São Jerónimo.

Santo Agostinho, na Epístola 111, escrevendo a Fortunaciano, diz desta maneira: *Neque enim quorumlibet disputationes, quamvis catholicorum et laudatorum hominum, velut Scripturas canonicas habere debemus, ut nobis non liceat (salva honorificentia, quae illis debetur hominibus) aliquid in eorum scriptis improbare atque respuere, si forte invenerimus quod aliter senserint quam veritas habet, divino adjutorio vel ab allis intellecta vel a nobis; talis ego sum in scriptis aliorum, tales volo esse intellectores meorum*³⁶.

“As sentenças e resoluções dos autores, posto que sejam católicos muito louvados e estimados por sua ciência e doutrina, não as devemos ler como Escrituras canônicas, de tal sorte que nos não seja lícito (salvo a reverência de suas pessoas) reprovar e não seguir algumas cousas das que disseram, quando acharmos por outra via a verdade, ou melhor entendida por outros, ou também por nós. Este é o modo (diz Santo Agostinho) com que eu leio os escritos dos outros, e com que quero que sejam lidos os meus.”

O mesmo sentia São Jerónimo, assim dos escritos alheios como dos próprios, cujas palavras na Epístola a Teófilo contra os erros de João Jerosolimitano, são estas: *Scio me aliter habere apostolos, aliter reliquos tractatores: illos semper vera dicere, istos in quibusdam ut homines aberrare*³⁷: “Só os apóstolos, como alumados por Deus, disseram a verdade em tudo; os outros homens, como homens, erram e podem errar”, diz o Doutor Máximo.

E se o fundamento dos erros humanos é o efeito natural de serem os homens homens, bem se segue que nenhum homem se pode livrar desta pensão da humanidade, por douto e sapientíssimo que seja. Exemplo seja o prodigioso livro das *Retractações*³⁸ de Santo Agostinho, mais digno de veneração por aquela obra que por todas as outras suas; o qual, prosseguindo a mesma sentença de São Jerónimo, no livro segundo *De Baptismo contra Donatistas*, capítulo quinto, diz assim como admirável piedade e juízo: *Homines [...] sumus, unde aliquid aliter sapere, quam se res habet, humana tentatio est; nimis autem amando sententiam suam vel invidendo melioribus, usque ad proscedendae communionis et condendi schismatis vel haeresis sacrilegium pervenire, diabolica praesumptio est; in nullo autem aliter sapere, quam se res habet, angelica perfectio est*³⁹. De maneira que, segundo Santo Agostinho, “errar em alguma cousa é fraqueza de homens, acertar em tudo é perfeição de anjos, e querer defender seu parecer, até romper a caridade e união da Igreja, é presunção de demónios”. E como os santos Padres fossem obedientíssimos filhos da Igreja Católica a cujo supremo juízo sujeitaram sempre todos seus escritos, se em alguma cousa desaceraram, como dizemos ou supomos, é argumento só de que foram homens e não eram anjos.

Mas para que se veja a ocasião ou ocasiões que tiveram para não acertar com a verdadeira inteligência de algumas Escrituras, principalmente as dos profetas, que é o fim para que isto supomos⁴⁰, direi agora o que da ponderação das mesmas Escrituras proféticas, e das exposições dos Padres sobre elas, e das opiniões que eram comúas e recebidas entre os doutos, quando eles escreveram, tenho colhido. E ponho aqui tanto de melhor vontade esta minha advertência (em que não acabei de cair de todo, senão depois de muitos anos de estudo e lição dos mesmos Padres), quanto dela se pode colher e conhecer facilmente e sem menos louvor de sua grande sabedoria, quão impossível cousa lhe seria acertarem, naquele tempo e naquelas suposições, com o verdadeiro entendimento de alguns lugares dos profetas, que eles interpretaram em diferente e alheio sentido.

A primeira ocasião⁴¹ que os Padres tiveram para não poderem entender em seu tempo o sentido literal e histórico daqueles textos proféticos, era a falta, que então havia no mundo, da verdadeira e exacta cosmografia, e a errada opinião, ou de que o globo da Terra era perfeitamente esférico, ou de que as partes opostas às

que naquele tempo se conheciam, eram não somente desertas, senão ainda inabitáveis. Este sentimento, que foi de muitos filósofos antigos, se tinha entre os Padres por verdade muito certa e averiguada, negando geralmente a opinião ou fama de haver os que já então se chamavam Antípodas, posto que os princípios por que os Padres os negavam, não eram entre todos os mesmos.

As razões filosóficas, em que alguns se fundavam (que então, antes da experiência, tinham nome de razões, e hoje, depois dela, nos parecem ridículas), descreve Lactâncio Firmiano, que era um dos Padres e mui douto daquele tempo, e zombando elegantissimamente dos que tinham a opinião contrária, discorre assim: *Quid illi qui esse contrarios vestigiis nostris Antipodas putant? Num aliquid loquuntur? Aut est quisquam tam ineptus, qui credat esse homines, quorum vestigia sint superiora quam capita? aut ibi quae apud nos jacent, inversa pendere? fruges et arbores deorsum versus crescere? pluvias et nives et grandinem sursum versus cadere in terram? Et miratur aliquis hortos pensiles inter septem mira narrari, cum philosophi et agros et maria et montes pensiles faciant? Huius quoque erroris aperienda nobis origo est. [...] Quae igitur illos ad Antipodas ratio perduxit? Videbant siderum cursus in Occasum meantium, solem atque lunam in eandem partem semper occidere, atque oriri semper ab eadem. Cum autem non perspicerent, quae machinatio cursus eorum temperaret, nec quomodo ab Occasu ad Orientem remearent, caelum autem ipsum in omnes partes putarent esse devexum, quod sic videri propter immensam latitudinem necesse est, existimaverunt rotundum esse mundum sicut pilam, et ex motu siderum opinati sunt caelum volvi; sic astra solemque, cum occiderint, ex volubilitate ipsa mundi ad ortum referri. Itaque et aereos orbis fabricati sunt, quasi ad figuram mundi, eosque caelarunt portentosis quibusdam simulacris, quae astra esse dicerent. Hanc igitur caeli rotunditatem illud sequebatur, ut terra in medio sinu ejus esset conclusa; quod si ita esset, etiam ipsam terram globo similem; neque enim fieri posse, ut non esset rotundum, quod rotundo conclusum teneretur; si autem rotunda etiam terra esset, necesse esse, ut in omnes caeli partes eandem faciem gerat, id est, montes erigat, campos tendat, maria consternat; quod si esset, etiam sequebatur illud extremum, ut nulla sit pars terrae, quae non ab hominibus caeterisque animalibus incolatur. Sic pendulos istos Antipodas caeli rotunditas adinvenit. Quod si quaeas ab iis qui haec portenta defendunt: "Quomodo ergo non cadunt omnia in inferiorem illam caeli partem?", respondent hanc rerum esse naturam, ut pondera in medium ferantur et ad medium connexa sint omnia, sicut radios videmus in rota; quae autem levia sunt, ut nebula, fumus, ignis, a medio differantur, ut caelum petant. Quid dicam de iis nescio; qui cum semel aberraverint, constanter in stultitia perseverant et vanis vana defendunt; nisi quod eos interdum puto aut joci causa philosophari, aut prudentes et scios mendacia defendenda suscipere, quasi ut ingenia sua in malis rebus exerceant vel ostendent⁴².*

Até aqui Lactâncio, não se rindo menos dos que naquele tempo tinham esta opinião, do que nós hoje nos podemos rir dele. Por isso não duvidei de copiar esta página de latim, que para os que bem o entendem sei decerto não será larga por sua matéria e elegância, e muito menos para os que o não entendem, porque a passarão mais brevemente. O mesmo peço eu que façam os que não têm necessidade de ver a tradução dela, que agora se segue, para que não fiquem com o sentimento de quão mal se pode trasladar à nossa língua a elegância da latina.

"Que direi daqueles (diz Lactâncio) os quais tiveram para si que há no mundo outros homens, que andam com os pés virados para nós, a que chamam Antípodas? Porventura dizem estes alguma cousa que tenha fundamento? Ou

pode haver homem de tão pouco juízo que se lhe meta na cabeça que há homens que andem com a cabeça para baixo, e que todas as cousas que aqui estão em pé e direitas, lá estejam penduradas? Que as árvores cresçam para a parte inferior, que a chuva caia para cima, e que os que hão-de colher os frutos hajam de descer aos ramos e não subir? E espantamo-nos de que os hortos pênsiles se contem entre as sete maravilhas do Mundo, quando há filósofos que fazem campos pênsiles, mares pênsiles, montes pênsiles e cidades pênsiles, em que as terras e os telhados estão pendurados para baixo? Mas será bem que digamos a origem donde teve princípio este erro, e que razão moveu ou levou estes homens a uma cousa tão irracional, como haver Antípodas. Viam que o Sol, a Lua e as estrelas saíam sempre do Oriente e entravam pelo Ocaso; viam (ou cuidavam que viam) que este céu, que nos cobre, tem figura de uma abóbada (sendo que esta representação não a faz a figura do céu, senão o termo e fraqueza da nossa vista), e não entendendo o modo por que esta máquina se governa, vieram a imaginar que o mundo era redondo como uma bola, e assim fingiram que havia no céu vários orbes de matéria sólida, como bronze, em que estavam esculpidas essas imagens e corpos portentosos, a que chamamos estrelas e planetas. Desta redondeza ou rotundidade do céu inferiram e assentaram que também a Terra era redonda, acomodando-se naturalmente à figura do corpo exterior e maior, dentro do qual estava metida; e torneada desta maneira e foi redonda a Terra, tiraram por segunda consequência que também havia de estar povoada de homens e animais em todas as partes, como está nesta em que vivemos. Assim que a imaginada rotundidade do céu foi a inventora destes Antípodas pendurados. E se perguntarmos aos defensores deste portento como pode ser que os homens, que fingem com os pés para cima, se lhes não despeguem da terra, e como não caem por esses ares abaixo, respondem que é o peso natural da Terra, que de todas as partes inclina para o centro, assim como os raios de uma roda todos vão parar ao eixo; e que, assim como do mesmo eixo saem também os raios para a roda, assim as cousas leves (como o fogo, os fumos, as névoas) sobem direitas para as diversas partes do céu, de que a Terra está cercada. O que se haja de dizer de tais homens e tais entendimentos, não o sei; só digo que, depois de terem caído no primeiro erro, perseveraram constantemente na sua ignorância, defendendo umas cousas vãs com outras tão vãs como elas; se bem algumas vezes cuidou que não dizem nem escrevem isto de veras⁴³, senão por jogo e zombaria, e que sabendo muito bem que tudo o que dizem são fábulas e mentiras, as defendem contudo para ostentar habilidade e engenho, empregando tão bons entendimentos em tão más cousas."

Este é o discurso de Lactâncio, no livro terceiro *Divinarum Institutionum*, capítulo 24, e foi bem que o deixasse tão miudamente escrito, para que soubéssemos o que naquele tempo se sabia do mundo, e para que saiba o mesmo mundo quanto deve aos Portugueses, primeiros descobridores dos seus Antípodas.

Santo Agostinho também teve a mesma opinião de Lactâncio, posto que não lhe contentaram seus fundamentos, os quais impugna no livro das suas *Categorias*⁴⁴; mas no livro 16 *De Civitate Dei* resolve que se não deve crer que há Antípodas, com palavras de tanta segurança como as seguintes: *Quod vero et Antipodas esse*

*fabulantur, id est, homines a contraria parte terrae, ubi sol oritur, quando occidit nobis, adversa pedibus nostris calcare vestigia, nulla ratione credendum est. Neque hoc ulla historica cognitione didicisse se affirmant, sed quasi ratiocinando conjectant*⁴⁵: “E quanto à fábula (diz Santo Agostinho) dos que fingem que há Antípodas, isto é, homens da outra parte do mundo, onde o sol lhes nasce a eles, quando se põe a nós, e que pisam a terra com os pés voltados para os nossos, como nós para os seus, é cousa que de nenhum modo se há-de crer, nem seus autores o provam com alguma história que tal afirme, e só o conjecturam por discursos.” Não dissera isto o sapientíssimo Doutor, se já naquele tempo estiveram escritas as histórias dos Portugueses, mas este é o maior louvor da nossa nação (como disse um grande orador dela⁴⁶) que chegaram os Portugueses com a espada onde Santo Agostinho não chegou com o entendimento.

A razão de Santo Agostinho, com que negou os Antípodas, ainda encarece mais este louvor nosso, porque o argumento em que se funda é este: “Todos os homens que se propagaram e estenderam pelo mundo, são descendentes de Adão, como consta da Escritura; logo, segue-se que não há nem pode haver Antípodas, porque, se os houvera, haviam de ter passado à outra parte do mundo por cima da imensidade do mar Oceano, e é grande absurdo dizer que os homens pudessem fazer tal navegação.” Esta é a razão de Santo Agostinho, e este o famoso elogio que, sem saber de quem falava, disse o ilustríssimo Africano dos Portugueses, conquistadores depois da sua pátria: *Nimisque absurdum est* (são as palavras suas no mesmo lugar) *ut dicatur aliquos homines ex hac in illam partem, Oceani immensitate trajecta, navigare ac pervenire potuisse, ut etiam illic ex uno illo primo homine genus institueretur humanum*⁴⁷. Esta mesma opinião foi comua entre os outros Padres da Igreja, e assim a lemos expressa, ainda antes de Lactâncio, em São Justino, e antes de Santo Agostinho, em Santo Hilário, São João Crisóstomo, São Basílio e Santo Ambrósio e, muitos anos e séculos depois, em Procópio, Teofilacto, Eutímio e outros — uns fundando-se nas razões já referidas, e todos naquela tão celebrada dos filósofos, historiadores e poetas, que não só faziam inabitável a zona tórrida, mas supunham tão grande incêndio nela pela vizinhança do Sol, que de nenhum modo se podia passar. *Mediã vero terrarum* (diz Plínio), *qua solis orbita est, exusta flammis et cremata, cominus vapore torretur; circa duae tantum inter exustam et rigentes temperantur, eaeque ipsae inter se non perviae propter incendium sideris*⁴⁸. E este incêndio da zona tórrida, ainda em tempos tão chegados a nós, era um dos mais forçosos argumentos com que os reprovadores da empresa do Infante Dom Henrique a impugnavam, e tinham por impossível aquele descobrimento, como referem as nossas histórias.

A estas razões propriamente filosóficas e do discurso acrescentavam os Padres outras teológicas⁴⁹ e alguns textos da Escritura Sagrada, que antes da experiência parecia afirmarem ou definirem claramente que debaixo da terra não havia outra cousa mais que água. Assim o argumentava Procópio sobre o primeiro capítulo do Génesis, dizendo: *Quod autem universa terra in aquis subsistat nec ulla sit pars ejus quae infra nos sita sit, aquis vacua et denudata, omnibus notum reor. Nam sic docet Scriptura: “Qui expandit terram super aquas”, et iterum: “Quia ipse super maria fundavit eam.”*⁵⁰ O primeiro lugar é do salmo 135, e o segundo do salmo 23; e verdadeiramente as palavras de um e outro lugar são tão claras que, se a vista dos

olhos não tivera ensinado o contrário, parece se deviam entender assim, e que Deus, que tudo pode, para mostrar sua onnipotência, tinha fundado a terra sobre a água.

Assim o cuidou Tales Milésio, um dos sete sábios da Grécia, com muitos outros filósofos, os quais referiam os tremores da terra à inconstância deste fundamento, de sua natureza tão pouco sólido. Mas depois que a experiência nos mostrou que debaixo (ou da parte oposta a esta terra que habitamos) havia outra terra e outros habitadores, que são os Antípodas, a emenda deste engano nos ensinou também a entender aqueles textos de David, cujo verdadeiro sentido é este: Quando Deus criou o mundo no princípio, estava o elemento da terra cuberto com o elemento da água, e a água sobre a terra, conforme o lugar que se devia à sua benignidade e nobreza, como elemento que é mais nobre; mas como por esta causa ficasse a terra vazia e inabitável (como notou o texto: *terra autem erat inanis et vacua*⁵¹, o que fez a Providência Divina, foi apartar a água de cima da terra e dar-lhe outro lugar, que é o que hoje tem o mar, para que ficasse a terra superior a ela, e pudesse produzir e ser habitada: *Et dixit Deus: Congregentur aquae [...] in locum unum, et appareat arida*⁵². E porque a terra por este modo ficou superior à água, por isso diz David que a terra está sobre ela, isto é, superior a ela e não inferior e de baixo, como dantes estava e, por sua natureza, devia estar.

Repito o texto todo, para que da consequência dela se veja melhor a verdade e clareza desta exposição: *Domini est terra et plenitudo ejus, orbis terrarum et universi qui habitant in eo; quia ipse super maria fundavit eum, et super flumina praeeparavit eum*⁵³. Quer dizer: “Deus é Senhor da terra e de todos seus habitadores.” E porque é Senhor da terra? Porque a fundou. E é Senhor de seus habitadores? Porque, fazendo que fosse superior ao mar e aos rios, a fez habitável. Essa é a energia⁵⁴ da palavra: *praeeparavit*, porque, fazendo a terra superior à água, a preparou e acomodou a que se pudesse habitar. *Ratio cur Dominus terrae omniumque in ea rerum [...] sit Deus* (diz Lorino), *quoniam terram ipse fecit et supereminere aquis fecit, ut habitari posset*⁵⁵. E não é muito que Lorino entendesse melhor este texto da terra e do mar que Procópio, porque Procópio não sabia que havia mar e terra habitada dos Antípodas, e Lorino sim. Mas vamos a outros lugares mais difíceis e totalmente impossíveis de entender, antes do conhecimento dos Antípodas.

Referem-se vários lugares dos profetas que os expositores modernos entendem dos Antípodas e Conquistas de Portugal

Começando pelo mesmo David, aquele verso de salmo 67: *Regna terrae, cantate Deo; psallite Domino, psallite Deo, qui ascendit super caelum caeli ad Orientem; ecce dabit voci suae vocem virtutis*⁵⁶ diz Genebrardo, Viegas, Mendoça e outros autores, que fala da conversão dos reinos e terras do Oriente, convertidas à Fé por meio da pregação dos Portugueses e descobertas por eles. Onde notou advertidamente Viegas que no mesmo salmo tinha dito David: *Cantate Deo, psalmum*

dicite nomini ejus; iter facite ei, qui ascendit super Occasum: Dominus nomen illi ⁵⁷ — para mostrar que a Fé e conhecimento de Deus primeiro havia de vir às terras mais ocidentais, que são estas que habitamos, e depois havia de passar às do Oriente, que são aquelas que descobrimos, conquistámos, alumiámos com a luz do Evangelho. Esta é a virtude que Deus deu às vozes de sua voz (isto é, às vozes de seus pregadores): *Ecce dabit voci suae vocem virtutis*.

Todo o salmo 64, explica Basílio Ponce, compõe-se da nova conversão das Índias, assim Orientais como Ocidentais; e são próprios desta explicação muitos lugares dele, que ainda os que não tiveram tal pensamento, não puderam deixar de dizer o mesmo. Lorino, comentando o verso nono: *Turbabuntur gentes, et timebunt qui habitant terminos a signis tuis; exitus matutini et vespere delectabis* ⁵⁸ — entende pelos habitantes dos termos da terra as gentes orientais e ocidentais, e assim explica as palavras *exitus matutini et vespere: pro hominibus qui habitant ubi exit dies, et ubi exit nox, hoc est, pro Orientalibus et Occidentalibus* ⁵⁹.

De maneira que os homens, de quem aqui fala David, são aqueles que estão nos dous últimos fins e extremos da terra, onde nasce o dia e onde nasce a noite: uns nos fins do Oriente, que são os das Índias Orientais, e outros nos fins do Ocidente, que são os das Índias Ocidentais. Esta terra, uma e outra, diz o profeta que visitaria Deus e que a regaria (como regou) com a água do baptismo: *Visitasti terram et inebriasti eam* ⁶⁰; e acrescenta com grande energia que multiplicaria o Senhor o enriquecê-la: *Multiplicasti locupletare* ⁶¹; *eam* porque, tendo já dado as maiores riquezas temporais (que são as minas de ouro e prata, os rubis, as pérolas e tantos outros tesouros), sobre estes lhe havia de dar também as riquezas espirituais e da graça, com que ficasse cada uma delas não só rica, senão multiplicadamente rica: *Multiplicasti locupletare eam*. E porque para isto era necessário que o bravíssimo e indómito Oceano se sujeitasse aos homens e se deixasse arar de seus lenhos, o que até aquele tempo não consentia, também diz David que fazia Deus esta mudança em suas ondas: *Qui conturbas profundum maris, sonum fluctuum ejus* ⁶², ou (como lê São Jerónimo e Teodósio): *Compescens, sedans, mulcens sonitum, cavitatem, latitudinem et profunditatem maris* ⁶³.

Finalmente, porque não duvidássemos que mares eram estes, declara o profeta que não haviam de ser aqueles que lavam as terras e praias vizinhas a nós, senão os mares de muito longe, e de terras e gentes muito remotas: *Spes omnium finium turae, et in mari longe* ⁶⁴, ou (como tem o Hebreu): *maris remotorum* ⁶⁵. E não carece de mistério, e grande mistério, o proêmio com que David introduziu tudo o que até aqui temos dito, que foi com estas palavras: *Sanctum est templum tuum, mirabile in aequitate* ⁶⁶, como se dissesse: “Antes de se pregar o Evangelho a estas terras ou a estes mundos do Oriente e do Ocidente, parece que vós, Senhor, e vossa Igreja não guardáveis igualdade com os homens; pois havendo tantos anos e tantos séculos que alumiastes a uns com a luz da Fé, permitistes até agora por vossos ocultos juizes que os outros estivessem às escuras (argumento que puseram os Japões a São Francisco Xavier); porém, depois que a Fé e o Evangelho e o conhecimento e o culto do verdadeiro Deus têm passado os mares e chegado às mais remotas nações do Oriente e do Ocidente, agora sim, que podemos dizer que vossa Igreja é admirável na igualdade, porque trata igualmente a todos: *Sanctum est templum tuum, mirabile in aequitate*.”

Salomão, que sucedeu a David, não só na coroa, senão também no espírito de profecia, em muitos lugares dos seus *Cânticos* deixou também profetizadas estas maravilhas da nossa idade. Neste sentido explicaram alguns modernos aquelas palavras do capítulo quarto: *Surge, Aquilo, et veni, Auster, et perfla in hortum meum, et fluent aromata illius* ⁶⁷ — como se dissesse Cristo, falando do seu jardim (que é a Igreja), que saísse dele o Norte e viesse o Sul: *Surge, Aquilo, et veni, Auster; isto é, que saíssem da Igreja as nações do Norte, como saíram nestes tempos por meio da heresia, e que entrassem na mesma Igreja as nações do Sul (que são as do Novo Mundo), como entraram por meio da Fé. Ao qual sentido, que é muito próprio e verdadeiro, podemos aplicar as palavras de Honório: *Siquidem inauditam haeresim per malignos homines Diabolus mentibus fidelium infudit, qua totum hortum Ecclesiae quasi quadam lepra vitiauit; sed Rex gloriae Christus suis auxilium praebuit, dum universam haeresim per sapientes destruxit, et de horto suo flagello anathematis expulit; expulso autem Aquilone, auster hortum intravit* ⁶⁸.*

Segue-se logo no texto: *et fluent aromata illius*; as quais palavras, entendidas assim como soam, que outra cousa dizem senão os interesses temporais, que trazem as naus da Índia por estes espirituais que levam, quando vêm carregadas dos aromas e espécies aromáticas daquelas partes? Assim o tinha dito o mesmo Salomão, no verso antecedente, com admirável propriedade e energia. Fala das missões que fazem àquelas partes os pregadores da Fé, e diz: *Emisiones tuae paradisis malorum puniceorum cum pomorum fructibus* ⁶⁹: “As vossas missões são um paraíso de que se colhem não frutos de árvores, senão frutos de frutos”, *cum pomorum fructibus*, porque pelo fruto espiritual que vão fazer os missionários, vêm de lá os frutos temporais com que Portugal se enriquece e, se vão faltando os segundos frutos, é porque também vão faltando os primeiros, de que eles nascem. Mas que frutos são estes? Diz o mesmo Salomão: *Cypri cum nardo, nardus et crocus, fistula et cinnamomum, cum universis lignis Libani, myrrha et aloe, cum omnibus primis unguentis* ⁷⁰: “A canela, a canafistola, o sândalo, o beijoim, as áquilas, os calambucos, e todo o outro género de espécies odoríferas e aromáticas” — que são as mesmas que vêm da Índia.

No capítulo sétimo diz assim o mesmo Salomão ou a Esposa (que é a Igreja), falando com seu Esposo Cristo: *Mandragorae dederunt odorem suum; in portis nostris omnia poma; nova et vetera servavi tibi* ⁷¹. As mandrágoras são os pregadores da Fé, como diz São Gregório: *Quid per mandragoram, herbam scilicet medicinalem et odoriferam, nisi virtus perfectorum intellegitur? [...] Qui dum imperfectorum infirmitatibus medentur, in fide quam praedicant, id est, in portis Ecclesiae, veri medici esse comprobantur* ⁷². Com o cheiro destas mandrágoras e com a doutrina destes pregadores, diz a Esposa que ajuntou para seu Esposo os frutos novos aos velhos (assim o intepretam os Setenta): *nova et vetera servavi tibi*, porque aos cristãos antigos, que eram os da Europa, ajunta a Igreja estes novos, que são os das novas gentes que se descobriram no Oriente e no Ocidente, que são as portas de que fala a Esposa: *in portis nostris*; uma porta por onde o Sol nasce ao nosso hemisfério, que é a do Oriente, e outra por onde entra aos Antípodas, que é a do Ocidente. Assim entendem este lugar alguns autores que refere Cornélio, resumindo todo o sentido dele nestas palavras: *Nonnulli per nova opinantur hic notari novi orbis [...] inventionem et conversionem ad Christum. Novus enim hic orbis continet Peruanos,*

*Mexicanos, Brasílios, Chilenses, etc. [...] Jam vero per religiosos S. Dominici, S. Francisci et Societatis Jesu totus pene subjacet Ecclesiae. Sic in India Orientali hoc saeculo et praecedenti per eosdem propagatur fides ad Japones, ubi plurimi pro fide certant usque ad martyria lentorum ignium, apud Sinenses, Molucenses, Ceilanos*⁷¹. De maneira que os frutos novos que a Igreja, por meio do cheiro destas mandrágoras medicinais e odoríferas, ajuntou aos velhos e antigos, são os do Peru, do México, do Brasil e do Chile, e os do Japão, da China, das Malucas e de Ceilão: uns nas portas do Oriente, e outros nas do Ocidente: *Mandragorae dederunt odorem suum; in portis nostris omnia poma; nova et vetera servavi tibi*. Parece que estavam esquecidos, mas não estavam senão guardados para este tempo: *Servavi tibi*.

Em quase todo o capítulo oitavo repete Salomão a mesma conversão das Índias, e particularmente naquelas palavras: *Soror nostra parvula est, et ubera non habet. Quid faciemus sorori nostrae in die quando alloquenda est? Si murus est, aedificemus super eum propugnacula argentea; si ostium, compingamus illud tabulis cedrinis*⁷⁴. Até agora foi escuríssimo este lugar, mas são admiráveis os mistérios, e mais admiráveis ainda as propriedades dele. Ludovico Legionense⁷⁵, nos Comentários sobre este livro, entende por esta irmã mais nova de Esposa a Igreja da gentildade, novamente convertida à Fé. *Sub persona hujus sororis natu minoris et parum forma praestantis, cujus de collocaione Sponsa sollicitari dicitur, multi significantur populi atque gentes longe a nostro orbe remotae, ad Christum adducendae nova quadam Evangelii tradendi ratione; hoc est, significatur Hispanorum navigationibus reperti orbis ejusque incolarum ad Christi fidem nuper facta conversio*⁷⁶.

Ainda que a Igreja toda seja uma, como a destas novas gentildades veio ao quinhentos anos), por isso lhe chama Salomão: “irmã menor e pequenina”: *soror nostra parvula est* — não pela grandeza das terras e número das gentes, em que é maior ou, quando menos, igual a toda a Igreja mas pela menoridade do tempo e maior ou, quando menos, igual a toda a Igreja antiga, mas pela menoridade do tempo e idade em que se converteu. E diz com muita propriedade que não tem peitos: *et ubera non habet*, porque todos estes anos esteve falta do leite da verdadeira doutrina.

E porque haver-se de despojar com Cristo esta nova Igreja era um negócio cheio de tantas dificuldades, assim pela distância de tão remotas terras e navegação de tão desconhecidos mares, como principalmente pela resistência de suas nações — umas bárbaras, outras políticas e todas feras⁷⁷, armadas e belicosas, e tão superiores no número e multidão aos que lhe haviam de levar e introduzir a Fé — estas dificuldades representam a Igreja antiga a seu Esposo Cristo com aquelas palavras: *Quid faciemus sorori nostrae in die quando alloquenda est? “Que faremos, Senhor, quando chegar o tempo em que se há-de desposar convosco esta minha irmã menor?”* Ao que responde Cristo com o antiquíssimo conselho da sua Providência, dizendo: *Si murus est, aedificemus super eum propugnacula argentea; si ostium, compingamus illud tabulis cedrinis*. Quem não admirará nesta resposta os altíssimos conselhos da Providência Divina? Dispôs Deus, desde a criação do mundo, que estas terras, assim por fora como por dentro, fossem enriquecidas de cousas preciosíssimas, para que o interesse dos homens facilitasse as dificuldades, que sem ele seriam impossíveis de vencer, como se

dissera o Senhor: “Ainda que a conquista de Fé tem muros que dificultem sua entrada nessas terras, também tem portas por onde poderá entrar, e esses muros facilitá-los-emos com prata, e essas portas abri-las-emos com cedros”⁷⁸: *Si murus est, aedificemus super eum propugnacula argentea; si ostium, compingamus illud tabulis cedrinis*. Pela prata se entendem as minas, e pelos cedros odoríferos as plantas preciosas. E as minas que essas terras têm nas suas entranhas, e as plantas odoríferas e preciosas que nelas nascem, serão os meios e incentivos que obrigarão o interesse humano a que se disponha a vencer todas essas dificuldades, e abrir e franquear essas portas. E assim foi, porque a prata, o ouro, os rubis, os diamantes, as esmeraldas, que aquelas terras criam e escondem em suas entranhas; as áquilas, os calambucos, o pau-brasil, o violeta, o évano, a canela, o cravo e a pimenta, que nelas nascem, foram os incentivos do interesse tão poderoso com os homens, que grandemente facilitaram os perigos e trabalhos da navegação e conquista de umas e outras Índias, sendo certo que, se Deus com suma providência não enriquecera de todos estes tesouros aquelas terras, não bastara o zelo da religião para introduzir nelas a Fé.

O profeta Isaías, como profeta singularmente escolhido para historiar as maravilhas da Lei Evangélica, foi o que mais falou de nós e dela.

No capítulo 49 diz assim: *Ecce isti de longe venient, et ecce illi ab Aquilone et mari, et isti de terra Australi. Laudate, caeli, et exulta, terra; jubilate, montes, laudem, quia consolatus est Dominus populum suum, et pauperum suorum miserebitur*⁷⁸. O qual lugar entendem Cornélio a Lápide e Árias Montano da conversão da China, e o provam do original hebreu, o qual lê: *de terra Sinim*, como verte São Jerônimo, Simaco, Áquila, Teodósio, o Siro, o Árábico e todos, e é o mesmo que *de terra Sinarum*, por ser este o modo de falar da língua hebraica, na qual os Galileus se chamam *Gelilim*, e os Judeus *Jehudim*, e os Assírios *Assurim*, e assim também os Chinas *Sinim*.

E se replicarmos a este sentido que a China não é terra austral, senão oriental, e que se não pode verificar dela o termo *de terra Australi*, respondem os mesmos autores que aludiu o Espírito Santo, que governava a pena de São Jerônimo, à navegação dos Portugueses, os quais, quando vão para o Oriente, fazem a sua viagem direita ao Austro, navegando ao cabo de Boa Esperança: *Sinae enim* (dizem eles), *qui proprie hic significantur, licet sint ad Orientem, dici tamen possunt esse ad Austrum, quia Lusitani in Sinas, navigaturi, in ita longo flexu navigant ad Austrum, scilicet ex Lusitania usque ad promontorium Bonae Spei, quod ultimum est in continente et directe oppositum Austro*⁷⁹.

De maneira que, como os Portugueses haviam de ser os que haviam de levar a Fé à China, navegando ao Austro ou Sul, por isso o Espírito Santo chamou “austral” à China, não pelo sítio da Terra, senão pelo rumo da navegação.

Da mesma navegação dos Chinas faz outra vez menção Isaías no capítulo 11, verso 11, o qual lugar explica larga e eruditamente Malvenda, seguindo a Foreiro, ambos varões muito doutos da família dominicana.

O mesmo profeta Isaías, no capítulo 60: *Qui sunt isti qui ut nubes volant, et quasi columbae ad fenestras suas? Me enim insulae expectant; et naves maris in principio, ut adducam filios tuos de longe; argentum eorum et aurum cum eis, nomini Domini Dei tui et Sancto Israel, quia glorificavit te; et aedificabunt filii peregrinorum muros tuos, et reges eorum ministrabunt tibi*⁸⁰.

Nestas palavras está profetizada admiravelmente a conversão das Índias Ocidentais; assim as explicam o mesmo Cornélio, Bózio, Aldrovando e outros. Com bem notáveis propriedades chama o profeta às Índias Ocidentais “ilhas”: *me enim insulae expectant*, porque todas aquelas vastíssimas terras, enquanto se têm descoberto, estão rodeadas de mar; e bastava, para se chamarem assim, a imensidade de mares que as dividem do Mundo Antigo; além de que estas terras no princípio eram chamadas com o nome de Antilhas, como se lê nas histórias de seu descobrimento. As nuvens que voam a estas terras para as fertilizar: *Qui sunt isti qui ut nubes volant?* — são os Portugueses, pregadores do Evangelho, levados do vento como nuvens; e chamam-se também pombas: *et sicut columbae ad fenestras suas* — porque levam estas nuvens a água do Baptismo, sobre que desceu o Espírito Santo em figura de pombã, que são os dous termos que desde o princípio do mundo andaram sempre juntos na significação do Baptismo; no primeiro capítulo do Génesis: *Spiritus Domini ferebatur super aquas*⁸¹, e no terceiro de São João: *Nisi quis renatus fuerit ex aqua et Spiritu Sancto*⁸².

Mas o mesmo Bózio e Aldrovando ainda advertiram no nome e semelhança de pombas outra propriedade mais aguda, tirada do descobrimento das mesmas Índias, de cujas terras e navegação foi o primeiro descobridor Cristóvão Colombo, e dizem que a isto aludiu o profeta, chamando columbas ou columbos a todos os que seguem a mesma derrota e navegação das Índias: *Nomine columbae [...] alludit ad Christophorum Columbum, qui nobis iter ad illas oras primus aperuit*⁸³. Bem assim, ou muito melhor, e com mais verdade, do que disseram os gentios que os Argonautas, quando foram conquistar o velo de ouro a Colcos, levaram por guia uma pomba:

*Et qui movistis duo littora, cum rudis Argus
dux erat ignoto missa columba mari*⁸⁴.

Os Potosis e as outras minas de prata e ouro, que juntamente com as almas para a Igreja haviam de conquistar estes Argonautas, também as não esqueceu o profeta: *et adducam filios tuos de longe, argentum eorum et aurum eorum cum eis*; muito ouro e muita prata, e muitos filhos para a Igreja, e tudo de muito longe. E porque não ficassem em silêncio as frotas das Índias: *et naves maris in principio* — ou (como lê Foreiro, do hebreu): *et naves maris cum primaria, seu praetoria*⁸⁵ — que fariam esta navegação naus não divididas, senão em frota com sua capitânia. Finalmente, que homens peregrinos edificariam os muros da Igreja naquelas terras: *et aedificabunt fillii peregrinorum muros tuos* — e que os ministros de tudo isto seriam os mesmos reis, como fazem com tanta piedade os reis católicos: *et reges eorum ministrabunt tibi*.

É também ilustre lugar em Isaías aquele do capítulo 41: *Egeni et pauperes quaerunt aquas, et non sunt; lingua eorum siti aruit. Ego, Dominus, exaudiam eos; Deus Israel non derelinquam eos. Aperiam in supinis collibus flumina, et in medio camporum fontes; ponam desertum in stagna aquarum, et terram inviam in rivus aquarum. Dabo in solitudine cedrum et spinam et myrtum et lignum olivae; ponam in deserto abietem, ulmum et buxum simul, ut videant et sciant et recogitent et intelligant pariter, quia manus Domini fecit hoc*⁸⁶.

Quantos pobres e miseráveis estão morrendo à sede por falta de água, isto é, vivendo na gentilidade, sem água do Baptismo! Mas eu (diz Deus), que também sou Senhor destes, os ouvirei e não me esquecerei deles: *Ego, Dominus, exaudiam eos, et non derelinquam eos*. Nesses seus montes e desertos secos e estéreis abrirei fontes e rios mui copiosos, e por mais que essas terras sejam sem caminho, eu abrirei caminho por onde a elas cheguem as águas de que tanto necessitam: *et terram inviam in rivus aquarum*. E donde até agora se não colheu fruto, eu farei que se colham frutos mui copiosos e de todo o género: *dabo in solitudine cedrum et spinam et myrtum et lignum olivae*; para que entenda e conheça o mundo quão poderoso sou, e que esta obra é da minha mão: *ut videant et sciant, quia manus Domini fecit hoc*.

São Cirilo, São Jerónimo, Procópio e Teodoreto entendem este texto da conversão das gentilidades, que Deus havia de converter por meio da pregação do Evangelho, mas nos não disseram que gentes fossem ou houvessem de ser, porque as não conheciam; porém os doutores modernos nos diziam quais elas são. O Padre Cornélio, depois do Reverendíssimo Cláudio Aquaviva, geral de sua religião, diz assim: *Haec etiam hodie in Japone, Brasilia, China, aliisque Indiarum provinciis impleri magna [...] laetitia conspicimus*⁸⁷: “Que se cumpriu e está cumprindo esta profecia no Japão, no Brasil, na China.”

Até aqui andámos com Isaías pelas terras firmes; vamos agora às ilhas, que são as primeiras por onde os nossos descobrimentos começaram. No capítulo 58 fala Isaías das obras grandes que fará o homem misericordioso; e como a maior obra e a maior misericórdia de todas é tirar almas do inferno, como se tiram as dos gentios, quando por meio da luz da Fé se lhes mostra o caminho da salvação, diz umas palavras o profeta, que, bem ponderadas, de nenhum homem se podem entender à letra senão do nosso Infante Dom Henrique, primeiro autor dos descobrimentos portugueses, cujo principal intento naquela empresa, como dizem todas as nossas histórias, foi o puro e piedoso zelo da Fé e conversão da gentilidade. As palavras de Isaías são estas: *Et aedificabuntur in te deserta saeculorum, fundamenta generationis et generationis suscitabis, et vocaberis aedificator sepium, avertens semitas in quietem*⁸⁸: “Em vós se povoarão os desertos dos séculos; vós lançareis os primeiros fundamentos de uma e outra geração; vós sereis chamado o edificador das cercas, e fareis que os que sempre andam, tenham assento.”

Tais foram em tudo as obras do Infante Dom Henrique, continuadas depois pelos reis de Portugal, que levaram adiante o que ele começou. Primeiramente nele é por ele se povoaram os desertos dos séculos, porque muitas ilhas, que desde o princípio do mundo, por tantos séculos, estiveram desertas, incógnitas e despovoadas (como era a ilha da Madeira, e as Terceiras ou dos Açores), ele as descobriu, povoou e edificou; e de ilhas desertas que antigamente eram, estão hoje tão povoadas e populosas, e tão enobrecidas de fermosas cidades e sumptuosos edificios: *aedificabuntur in te deserta saeculorum*. E assim como nestas ilhas ermas e desertas lançou este glorioso príncipe os primeiros fundamentos da geração humana, fazendo que fossem povoadas de homens, assim noutras ilhas, que estavam habitadas de bárbaros (como eram as Canárias e de Cabo Verde), lançou também os primeiros fundamentos da geração divina, fazendo por meio da pregação e luz do Evangelho que esses bárbaros gentios conhecessem a Deus e

fossem gerados em Cristo: *fundamenta generationis et generationis suscitabis*. O meio que para esta segunda e mais importante geração tomaram os religiosíssimos príncipes de Portugal, foi mandarem religiosos por todas as conquistas, de grande virtude e letras, fundando e edificando conventos de diversas ordens, e por isso diz o profeta que seria chamado o primeiro autor desta obra: “edificador de cercas”, que são, como aqui notam alguns expositores, as cercas e claustros das religiões: *et vocaberis aedificator sepium*. Finalmente, não cala o profeta o fruto que desta santa indústria se seguiu em todas as gentildades de bárbaros, e foi que, andando dantes vagamente pelas brênhãs a foro de animais⁸⁹, se aquietassem e tomassem assento e tivessem como homens, que isso quer dizer: *avertens semitas in quietem*.

Neste sentido tão próprio e literal explica Bózio este texto de Isaías, mas antes que escreva as suas palavras, quero pôr aqui as do nosso João de Barros, referindo o que desta empresa do Infante sentiam ou murmuravam os que lhes parecia inútil e infrutuosa: “Os reis passados deste Reino (diziam eles) sempre dos reinos alheios para o seu trouxeram gente a este a fazer novas povoações, e ele quer levar os naturais Portugueses a povoar terras ermas por tantos perigos de mar, de fome e de sede, como vemos que passam os que lá vão. Certo que outro exemplo lhe deu seu pai poucos dias há, dando os maninhos de Lavra, junto de Coruche, a Lambert de Orches, alemão, que os rompesse e povoasse, com obrigação de trazer a eles moradores estrangeiros de Alemanha, e não mandou seus vassallos passar além-mar, romper terras que Deus deu por pasto dos brutos. E bem se viu quanto mais naturais são para eles que para nós, pois em tão poucos dias uma coelha multiplicou tanto, que os lançou fora da primeira ilha⁹⁰, quase como admoestação de Deus, que há por bem ser aquela terra pastada de alimárias, e não habitada por nós e quando quer que nestas terras de Guiné se achasse tanta gente, como o Infante diz, não sabemos que gente é, nem o modo de sua peleja; e quando fosse tão bárbara, como sabemos que é a das Canárias, a qual anda de penedo em penedo com cabras às pedradas contra quem os quer ofender, nós que proveito podemos ter de terra tão estéril e áspera, e cativar gente tão mesquinha? Certo nós não sabemos outro senão virem eles encarentar o mantimento da terra e comerem nossos trabalhos; e por cobrarmos um comedor destes, perdemos os amigos e parentes”⁹¹.

Isto é o que filosofavam e diziam os prudentes e políticos⁹² daquele tempo, que sempre são os instrumentos mais aparelhados que o mundo e o Demónio têm para estorvar as obras de Deus. Mas estas terras ermas foram as que pelo zelo e constância daquele príncipe se vêem hoje tão povoadas, cultivadas e ricas; e estes bárbaros, que como animais andavam saltando de penedo em penedo, os que hoje vivem com tanto assento, humanidade, ordem e política cristã, e não só eles, senão infinitos outros.

As palavras prometidas de Bózio, no livro vinte, capítulo sétimo, são as que se seguem: *Idem perfectum videmus in insulis, quas Tertias vocant, Hispaniae in Oceano adjacentibus Occidentem versus; similiter in Canariis, quas Promontorii Viridis appellant, Sancti Laurentii, Ascensionis et omnibus quae Africae litora respiciunt; amplius cunctisque,*

*quas Oceanus alluit, latissimis etiam regionibus Indiarum, sive Orientem sive Occidentem solem, vel Austrum Boreamve spectantibus idem contigit; neque finis ullus hucusque apparet. Oppida innumera et civitates pulcherrimae passim conduntur, in quibus constituuntur coetus hominum, excitantur fundamenta generationis et generationis eorum qui bestiarum modo prius incertis sedibus vagabantur et in stabulis ipsis habitabant*⁹³. Até aqui este autor doutíssimo, o qual, no mesmo livro vinte, capítulo terceiro, explica muitos outros lugares de Isaías, das ilhas que os Portugueses conquistaram para Cristo, e nomeadamente de Ceilão, Maldivas, Socotará, Japão, Javas, Malucas e outras. Chama a estas ilhas o profeta Isaías *de longe*, como no capítulo 49: *Audite, insulae, et attendite, populi de longe*⁹⁴; e no capítulo 66: *Ad insulas longe ad illos qui non audierunt de me*⁹⁵. Pelas quais ilhas entendiam todos antigamente Itália e Espanha, por estarem quase cercadas de água, uma do Mediterrâneo, outra do Oceano, mas verdadeiramente nem são ilhas senão terra firme, nem se podem chamar *de longe*, em comparação das que depois descobrimos, que com toda a propriedade são ilhas, e ilhas de muito longe.

Ponhamos fim a Isaías com um celebradíssimo texto do capítulo 18, o qual foi sempre julgado por um dos mais dificultosos e escuros de todos os profetas, e é este: *Vae terrae cymbalo alarum, quae est trans flumina Aethiopiae; qui mittit in mare legatos et in vasis papyri super aquas. Ite, Angeli veloces, ad gentem convulsam et dilaceratam, ad populum terribilem, post quem non est alius, ad gentem expectantem et conculcatam, cujus diripuerunt flumina terram ejus*⁹⁶.

Trabalharam sempre muito os intérpretes antigos por acharem a verdadeira explicação e aplicação deste texto, mas nem atinaram nem podiam atinar com ela, porque não tiveram notícia nem da terra nem das gentes de que falava o profeta. Os comentadores modernos acertaram em comum⁹⁷ com o entendimento da profecia, dizendo que se entende da nova conversão à Fé daquelas terras e gentes também novas, que ultimamente se conheceram no mundo com o descobrimento dos Antípodas; e notaram alguns com agudeza e propriedade que isso quer dizer a energia da palavra: *ad gentem conculcatam*: “gente pisada dos pés”, porque os Antípodas, que ficam por baixo de nós, parece que os trazemos debaixo dos pés e que os pisamos⁹⁸. Mas chegando mais de perto à gente e terra ou província de que se entende a profecia, também os modernos não acertaram até agora com o sentido próprio, germano e natural dela; e este é o que nós havemos de descobrir ou escrever aqui, pelo havermos recebido de pessoa douta e versada nas Escrituras⁹⁹, que, havendo visto as gentes, pisado as terras e navegado as águas de que fala este texto, acabou de o entender¹⁰⁰. E verdadeiramente o entendeu, como veremos e o verão melhor os que tiverem lido as exposições antigas e modernas dele.

Cornélio teve para si que fala o profeta de Etiópia e do Preste João, mas Etiópia não está além de Etiópia, como diz o texto. Malvenda (com outro que cita) o entende dos Chinas e Japões, e aplica à navegação dos Portugueses o Parafraste caldeu por estas palavras: *Chaldaeus interpres haec verba Isaiae in hunc modum reddidit: “Vae terrae, ad quam veniunt cum navibus et terra longinqua, et vela sua extendunt, ut aquila volans alis suis” — apposite in Indiam, quae quondam remotarum gentium frequentibus navigationibus petebatur, et nunc ab extremo Occidente Lusitanorum victricibus classibus aditur, quae etiam ipsas Sinarum oras praetervectae, Japoniorum insulas tenent*¹⁰¹. Mas

esta exposição, e a de Mendonça e Rebelo (que entendem o texto geralmente da Índia Oriental), tem contra si tudo o que logo diremos. José da Costa, tão versado nas Escrituras como na geografia e na história natural das Índias Ocidentais, Ludovico Legionense, Tomás Bózio, Árias Montano, Frederico Lúmnio, Martim del Rio e outros dizem (e bem) que falou Isaías da América e Novo Mundo, e se prova fácil e claramente; porque esta terra, que descreve o poeta, está além da Etiópia — *trans flumina Aethiopiae* — e é terra depois da qual não há outra — *ad populum post quem non est alius* —, e estes dous sinais tão manifestos só se podem verificar da América, que é a terra que fica da outra banda da Etiópia e que não tem depois de si outra terra, senão o vastíssimo Mar do Sul. Mas porque Isaías nesta sua descrição põe tantos sinais particulares e tantas diferenças individuantes, que claramente estão mostrando que não fala de toda a América ou Mundo Novo em comum ⁹⁷, senão de alguma província particular dele, e os autores alegados nos não dizem qual província esta seja, será necessário que nós o digamos; e isto é o que agora hei-de mostrar.

Digo primeiramente que o texto de Isaías se entende do Brasil, porque o Brasil é a terra que diretamente está além e da outra banda da Etiópia, como diz o profeta: *quae est trans flumina Aethiopiae*, ou — como verte e comenta Vátablo: *terra quae est sita ultra Aethiopiam, quae (Aethiopia) scatet fluminibus* ¹⁰²; e o Hebreu, ao pé da letra, tem: *de trans flumina Aethiopiae* — a qual palavra *de trans*, como notou Malvenda, é hebraísmo, semelhante ao de nossa linguagem: os Hebreus dizem *de trans*, e nós dizemos “de trás”. E assim é na geografia destas terras, que em respeito de Jerusalém, considerado o círculo que faz o globo terrestre, o Brasil fica imediatamente “de trás da Etiópia”.

Diz mais o profeta que a gente desta terra é terrível: *ad populum terribilem*, e não pode haver gente mais terrível entre todas as que têm figura humana do que aquela (quais são os Brasis), que não só matam seus inimigos, mas depois de mortos, os espedaçam, os assam, os comem e os caçam a este fim, sendo as próprias mulheres as que guisam e convidam hóspedes e os ajudam a se regalarem com estas desumanas iguarias. E assim se viu muitas vezes naquelas guerras que, estando cercados os bárbaros, subiam as mulheres às trincheiras ou paliçadas de que fazem os seus muros, e mostravam aos nossos as panelas em que os haviam de cozinhar. Fazem depois suas frautas dos mesmos ossos humanos, que tangem e trazem na boca sem nenhum horror; e é estilo de nobreza entre eles não poderem tomar nome senão depois de quebrarem a cabeça a algum inimigo, ainda que seja uma caveira desenterrada, com outras cerimónias cruéis, bárbaras e verdadeiramente terríveis.

Em lugar de *gentem conculcatam*, lê o Siro: *gentem depilatam*: “gente sem pêlo”, e tais são também os Brasis, que pela maior parte não têm barba, e no peito e pelo corpo têm a pele lisa, e sem cabelo, com grande diferença dos Europeus.

Estes são os sinais comuns que nos aponta o profeta daquela terra e gente; mas porque assinala muito miudamente outros sinais mais particulares e que não convêm a toda a gente e terra do Brasil, é outra vez necessário que nós também declaremos a província e gente em que eles todos se verifiquem. E esta gente e esta província mostraremos agora que é, com toda a propriedade, a que vulgarmente chamamos Maranhão, que, por ser tão pouco conhecida e apenas ¹⁰³

nomeada nos escritores, não é muito que a falta de suas notícias lhe tivesse até agora escurecido e divertido a honra deste famoso oráculo do mais ilustre profeta, que tão expressamente tinha falado desta gente.

Diz pois o profeta que são estes homens uma gente a quem os rios lhe roubaram a sua terra: *cujus diripuerunt flumina terram ejus*. E é admirável a propriedade desta diferença ¹⁰⁴, porque em toda aquela terra (em que os rios são infinitos e os maiores e mais caudalosos do mundo) quase todos os campos estão alagados e cubertos de água doce, não se vendo em muitas jornadas mais que bosques, palmares e arvoredos altíssimos, todos com raízes e troncos metidos na água; sendo raríssimos os lugares, por espaço de cento, duzentas e mais léguas, em que se possa tomar porto, navegando-se sempre por entre árvores espessíssimas de uma e outra parte, por ruas, travessas e praças de água, que a natureza deixou descubertas e desimpedidas do arvoredado. E posto que estes alagadiços sejam ordinários em todas as terras daquela costa, vê-se este destroço e roubo que os rios fizeram à terra, muito mais particularmente naquele vastíssimo arquipélago do rio, primeiro chamado Orelhana e agora das Almozonas ¹⁰⁵, cujas terras estão todas senhoreadas e afogadas das águas, sendo muito contados e muito estreitos os sítios mais altos que elas e muito distantes uns dos outros, em que os Índios possam assentar suas povoações, vivendo por esta causa não imediatamente sobre a terra, senão em casas levantadas sobre esteios, a que chamam *juraus*, para que as maiores enchentes passem as águas por baixo; bem assim como as mesmas árvores, que, tendo raízes e troncos escondidos na água, por cima dela se conservam e aparecem, diferenciando-se somente as árvores das casas, em que umas são de ramos verdes, outras de palmas secas.

Desta sorte vivem Nheengaiabas, Guaianás, Mamaianaés e outras antigamente populossíssimas gentes, de quem se diz com propriedade que andam mais com as mãos que com os pés, porque apenas dão passo ¹⁰⁶ que não seja com o remo na mão, restituindo-lhes os rios a terra que lhes roubaram, nos frutos agrestes das árvores de que se sustentam (cuja colheita é muito limpa, porque caem todos na água) e, em muita quantidade, de tartarugas e peixes-bois (que são os gados que pastam naqueles campos), além de outro pescado menor e alguma caça de aves e montaria de porcos, que nos lugares menos sobreaguados, entre os lodos e raízes das árvores, se cevam nos frutos delas. E nota o profeta que não é rio, senão rios que isto fazem; porque, ainda que o rio das Almozonas tenha fama de tão enorme grandeza, toda esta se compõe do ajuntamento de muitos outros rios, que todos desembocam nele ou juntamente com ele, comunicando e confundindo entre si as águas, e como unindo e conjurando as forças para este roubo que fizeram àquela terra: *cujus diripuerunt flumina terram ejus*.

Continua Isaías a sua descrição, e diz que os habitantes desta província são “gente arrancada e despedaçada”; e só o Espírito Santo pudera recopilar em duas palavras a história e última fortuna daquela gente. Quando os Portugueses conquistaram as terras de Pernambuco, desenganados os Índios (que eram mui valentes, e resistiram por muito anos), que não podiam prevalecer contra nossas armas, uns deles se sujeitaram, ficando em suas próprias terras; outros, com mais generosa resolução, determinaram a não servir, se meteram pelo sertão, onde ficaram muitos; e outros, caindo para a parte do mar, vieram sair às terras do

Maranhão e ali, como soldados tão experimentados e tão exercitados com mais poderoso inimigo, fizeram facilmente a seus habitadores o que nós lhes tínhamos feito a eles. Desta peregrinação e desta guerra se seguiram naquela gente os dous efeitos que assinala Isaías, ficando uma e outra gente “arrancada e despedaçada”: os vencedores arrancados, porque os tinham lançado de suas terras os Portugueses, e também despedaçados, assim porque foram ficando a pedaços em vários sítios, como porque depois da vitória lhes foi necessário, para conservarem o violento domínio, dividirem-se em colônias, mui distantes uns dos outros; os vencidos também ficaram arrancados, porque os Topinambás (que assim se chamam os Pernambucanos) os arrancaram de suas pátrias, e também (com muito maior razão) despedaçados, porque, não podendo resistir, muitos deles fugiram em magotes pelos matos e pelos rios, tomando diferentes caminhos, onde fizeram assento, não sem novos inimigos que ainda mais os despedaçassem. Assim que uns e outros ficaram “gente arrancada”, e uns e outros “gente despedaçada”: *gentem convulsam et dilaceratam*.

Conhecidos já pela fortuna, os descreve também o profeta, e muito particularmente, pelo exercício e arte de navegação, em que eram e são os Maranhões mui assinalados entre todos os Índios, por serem eles ou os primeiros inventores da sua náutica (como gente nascida e criada mais na água que na terra), ou certamente porque com sua indústria adiantaram muito a rudeza das embarcações de que os primeiros usavam. Tanto assim que a principal nação daquela terra, tomando o nome da mesma arte de navegar e das mesmas embarcações em que lá navegavam, se chamam *Igaruanas*, porque as suas embarcações, que são as canoas, se chamam na sua língua *igará*, e deste nome *igará* derivaram a denominação de *Igaruanas*, como se disséssemos os “nauticos”, os “artífices ou os senhores das naus”.

Diz pois Isaías que esta gente de que fala é um povo, *qui mittit in mare legatos, et in vasis payri super aquas*: “que manda de uma parte para outra os seus negociantes em vasos de cascos de árvores sobre as águas.” As palavras do profeta todas têm mistério, e todas declaram muito as propriedades da gente de que fala. Diz que os manda o povo, com quem concorda o relativo *qui*; porque é gente que não tem rei, mas o mesmo povo e a mesma nação é a que elege aqueles que lhe parecem de maior talento, assim para os negócios da paz, como para os da guerra, que tudo isso quer dizer a palavra *legatus*, como se pode ver nos autores da língua latina. Diz mais que vão sobre a água em vasos de cascos de árvores, porque estes eram a matéria e fábrica das suas embarcações; depois que tiveram uso de ferro, cavam os troncos das árvores e fazem de um só madeiro muito grandes canoas, de que o autor desta explicação viu alguma que tinha dezassete palmas de boca, e cem de comprimento; mas antes de terem ferro, despiam estes mesmos madeiros, cujos troncos são muito altos e direitos, e tirando-lhes as cascas assim inteiras, delas formavam as suas embarcações. E não faça dúvida dizer o profeta que estas embarcações iam ao mar: *qui mittit in mare*, porque, além de entrarem com elas pelo Mar Oceano, o mesmo arquipélago que dissemos de água doce, se chama na sua língua por sua grandeza “mar”, e daqui veio o nome que os Portugueses lhe puseram de “Grão-Pará” ou “Maranhão”, o que tudo quer dizer “Mar Grande”, porque *pará* significa “mar”.

Do que temos dito até aqui ficará agora mais claro de entender aquele grande enigma do profeta que está nas primeiras palavras deste texto: *Vae terrae cymbalo alarum* — o qual foi sempre o que maior trabalho deu aos intérpretes e os obrigou a dizerem cousas mui violentas e impróprias, como aqueles que falavam a adivinhar, e não adivinhavam nem podiam. Os Setenta Intérpretes, em lugar de *terrae cymbalo alarum*, leram: *terrae navium alarum*; e uma e outra cousa significam as palavras de Isaías, porque os nomes hebreus de que estas versões foram tiradas têm ambas as significações e querem dizer: “Ai da terra, que tem navios com asas”, ou: “Ai da terra, que tem sinos com asas.”

Se são sinos, como são navios? E se são navios, como são sinos? Esta dificuldade foi até agora o torcedor de todos os entendimentos dos expositores sagrados de 1600 anos a esta parte. Mas como podia ser que entendessem o enigma da terra, se não tinham as notícias nem a língua dela? Para inteligência do verdadeiro entendimento deste texto ou enigma, se há-de supor¹⁰⁷ que a palavra latina *cymbalum*, com que significamos os nossos sinos de metal, significa também qualquer instrumento com que se faz som e estrondo; e tais eram os címbalos de que usavam antigamente os gentios, que se chamavam por nomes particulares “sistros”, “crótalos” ou “crepitáculos”, e por nome geral, “címbalos”. Assim o explicou eruditamente Carpenteio, vertendo em verso este mesmo lugar de Isaías:

*Vae tibi, quae reducem sistris creptantibus Apim
concelebras, crotalos et inania cymbala pulsans*¹⁰⁸.

Também se há-de supor que os Maranhões usavam de uns instrumentos a que chamam *maracás*, não de metal, porque o não tinham, senão de cabaços ou cocos grandes, dentro dos quais metiam seixos ou caroços de vários frutos, duros e acomodados a fazer muito estrondo e ruído, servindo-se dos menores nas festas e nos bailes, e dos maiores na guerra. E estes *maracás* eram propriamente os seus címbalos ou sinos, tanto assim que depois, vendo os sinos de que nós usamos, lhe chamam *itamaracás*, que quer dizer “*maracás* (ou sinos) de metal”. Isto suposto, o expositor que mais foi rasteando o verdadeiro sentido que podia ter este enigma, foi Gabriel Palácio, o qual, no comentário literal deste lugar de Isaías, disse assim: *Fortassis Indicus usus nominis cymbali, ut notet navem, antiquitus inolevit apud Hebraeos tempore Isaiae*¹⁰⁹: “Porventura (diz ele) que, no tempo de Isaías, as embarcações dos Índios se chamaram entre os Hebreus sinos.” E porque não seria antes (digo eu) que se chamassem sinos ou tomassem o nome de sinos as embarcações dos Índios de que Isaías falava, não porque este nome fosse usado entre os Hebreus, senão entre os mesmos Índios? Assim era e assim é, e deste modo fica decifrado e entendido o antiquíssimo e escuríssimo enigma de Isaías.

As maiores embarcações dos Maranhões chamam-se *maracatinim*, derivado o nome da palavra *maracá*, que, como dissemos, significa entre eles “sino”; e a razão de darem este nome às suas maiores embarcações é porque, quando iam às batalhas navais (quais eram ordinariamente as suas), punham na proa um destes *maracás* muito grande, atado aos gurupés ou paus compridos, e bolindo de

indústria com eles, além do movimento natural das canoas e dos remeiros, faziam um estrondo barbaramente bélico e horrível; e porque a proa da canoa se chama *tim*, tirada a metáfora do nariz dos homens ou do bico das aves, que têm o mesmo nome, ajuntando a palavra *tim* com a palavra *maracá*, chamaram àquelas canoas ou embarcações maiores *maracatim*; e este nome usam ainda hoje, e com ele nomeiam os nossos navios. Nem mais nem menos que os Romanos às suas galés de guerra deram o nome de *rostratas* pelas pontas de ferro agudas que levavam nas proas, tirado também o nome ou metáfora dos bicos das aves que chamam “rostros”. Assim que vem a dizer Isaías que a terra de que fala é uma terra que usa embarcações que têm nome de “sino”, e estas são pontualmente os *maracatins* dos Maranhões.

Mas não está ainda explicada toda a dificuldade ou propriedade do enigma, porque diz o profeta que estas embarcações e estes sinos eram sinos e embarcações com asas: *cymbalo alarum, navium alarum*. Os expositores todos dizem que estas asas eram as velas das embarcações, que são as asas dos navios conforme o do Poeta: *velorum pandimus alas*¹¹⁰. A qual explicação pudera ser bem admitida, se não tivera própria e verdadeira, sendo certo que o profeta não havia de dar por sinal e divisa daquelas embarcações uma cousa tão comua e universal em todas. Digo pois que fala o texto de verdadeiras asas de aves. Como aqueles gentios não tecem nem têm panos, é grande entre eles o uso das penas pela fermosura das cores com que a natureza vestiu os pássaros, e principalmente os chamados *guardás*, de que há infinita quantidade, grandes e todos vermelhos, sem mistura de outra cor; destas penas se enfeitam, quando se querem pôr bizarros, e principalmente quando vão à guerra, ornando com elas todo o género de armas; porque não só levam empenadas as setas, senão também os arcos, as rodela e as partazanas de pau e pedra, a que chamam *tangapemas*; e quando a guerra era naval, empavezavam as canoas com asas vermelhas dos *guardás*, e as mesmas levavam penduradas dos gurupês e *maracás* das proas; e por isso o profeta, que todas estas cousas via e notava como tão novas, chamou às canoas “sinos” e “sinos com asas”: *navium alarum, cymbalo alarum*.

E porque não faltasse a esta terra a demarcação ou arrumação (como dizem os geógrafos) da sua altura, onde a Vulgata leu: *gentem expectantem*, a propriedade da letra hebreia (diz Foreiro, Pagnino, Vatablo, Sánchez e outros muitos) tem: *gentem lineae lineae*: “gente da linha da linha”; porque os Maranhões são aqueles que, além da Etiópia, ficam pontual e perpendicularmente bem debaixo da linha equinocial, que é a propriedade por todos os títulos admirável.

E assim como a palavra *lineae* se repete, está também repetida no mesmo texto a palavra *expectantem*, com que vem a concluir o profeta o seu principal e total intento, que é exortar os pregadores evangélicos a que vão ser anjos da guarda daquela triste gente, que tanto há mister quem a encaminhe como quem a defenda: *Ite, Angeli veloces, ad gentem expectantem, expectantem*: “gente que está esperando, esperando”, porque, entre todas as gentes do Brasil, os Maranhões foram os últimos a quem chegaram as novas do Evangelho e o conhecimento do verdadeiro Deus, esperando por este bem (que também tardou a todos os Americanos) mais do que todos eles. No Brasil se começou a pregar a Fé no ano de 1501, em que o descobriu Pedro Álvares Cabral¹¹¹, e no Maranhão no ano

de 1615, em que o conquistou Alexandre de Moura, esperando mais que todos os outros Brasil 114 anos. Mas hoje estão ainda em pior fortuna, padecendo aquele *vae* do poeta: *Vae terrae cymbalo alarum*, porque o estado da esperança se lhe tem trocado no da desesperação. E esperam de se salvar os que de tantos danos e danos eternos são causa?

Muito largos temos sido na exposição deste texto, mas foi assim necessário por sua dificuldade e por não estar até hoje entendido. Deixo outros muitos lugares do profeta Isaías, o qual verdadeiramente se pode contar entre os cronistas de Portugal, segundo fala muitas vezes nas espirituais conquistas dos Portugueses e nas gentes e nações que por seus pregadores se converterão à Fé — que foi o primeiro e principal intento que nelas tiveram nossos piedosíssimos reis, como se pode ver no que del-rei Dom Manuel, del-rei Dom João o Segundo, do Infante Dom Henrique, del-rei Dom João o Terceiro e del-rei Dom Sebastião escrevem seus historiadores.

O profeta Abdias, em um só capítulo que escreveu, também falou das conquistas de Portugal: *Et transmigratio Jerusalem, quae est in Bosphoro, possidebit civitates Austri*¹¹².

A palavra hebreia, de que São Jerónimo verteu *Bosphoro, é Sepharad*¹¹³. *Bosphoro* significa “estreito”, *Sepharad* significa “termo, limite, fim”. E esta mesma palavra *Sepharad* é o nome com que os Hebreus chamam a Espanha, porque em Espanha está o Estreito que divide a Europa de África, e Espanha era o termo, limite e fim, como testemunham, de uma parte, as Colunas de Hércules e, da outra, o cabo *Finis Terrae*, que são as duas balizas que têm no meio a Portugal. Toda a explicação é comua e certa entre todos os autores mais peritos da língua hebreia: Vatablo, Pagnino, Burgense, Árias, Lirano, Isidoro, Clário e os demais. Diz agora o profeta Abdias que a transmigração de Jerusalém, que passou a Espanha, viria tempo em que possuísse as cidades do Austro. Mas sobre a transmigração de Jerusalém, de que Abdias fala, há duas opiniões entre os autores.

Árias Montano, Frei Luís de Leão, Malvenda e outros têm para si que fala da transmigração de Nabucodonosor, o qual, tendo conquistado a Jerusalém e passado seus habitadores para a Babilónia, dali mandou parte deles para Espanha, por ser parte desta província conquista sua (como refere Josefo¹¹⁴, Strabo e outros graves autores) e que veio o mesmo Nabucodonosor em pessoa a fazer esta guerra. Destes hebreus (ou desterrados, ou trazidos por Nabucodonosor) ficaram muitos em Espanha, pela qual fortuna (como notou Santo Agostinho na morte dos infantes de Belém¹¹⁵) não tiveram parte na morte de Cristo e conservaram sua antiga nobreza; e deles (como escrevem muitos historiadores de Espanha) foi fundação a insigne cidade de Toledo, Maqueda, Escalona e outras. E assim querem também que desse Nabucodonosor traga seu apelido a ilustre família dos Osórios. Desta transmigração pois (diz Montano e os mais acima alegados) se há-de entender o texto de Abdias; e como o profeta própria e literalmente falava neste lugar do mesmo cativo de Babilónia, é consequência muito ajustada que da profecia do desterro passasse (para a consolação dos mesmos desterrados) a uma felicidade tão estranha, que deles havia de ter princípio, qual é a que logo diremos.

Nicolau de Lira, Vátablo, Fevardêncio e outros entendem que por esta transmigração de Jerusalém a que fez Cristo, mandando daquela cidade e espalhando por todo o mundo a seus apóstolos, entre os quais coube Espanha a Santiago; e ele por meio de seus discípulos a converteu toda à Fé, e desterrou dela a gentildade: *Et transmigratio Jerusalem, quae est in Bosphoro* (diz Lirano): *In Hebraeo habetur in Sepharad, id est, in Hispania, ut dicit Rabbi Salomon; quod fuit impletum per Jacobum Apostolum et ejus discipulos, ibi fidem Christi primitus praedicantes et colla gentium subjugantes* ¹¹⁶, etc. E cumprida em Santiago a transmigração de Jerusalém (que é a primeira parte da profecia), em seus discípulos (que são os que em Espanha receberam e conservaram sempre a Fé, que ele lhes tinha pregado) se cumpriu a segunda parte dela, sendo estes os que depois de tantos séculos vieram a dominar e possuir as regiões do Austro: *possidebunt civitates Austri*. Assim o entendem também, seguindo esta segunda exposição, Cornélio, José da Costa, António Caracciolo e outros.

De maneira que todos estes autores concordam em que a profecia da conquista das regiões do Austro se entende de Espanha, e discordam só na inteligência da transmigração de Jerusalém, entendendo uns que é a de Nabucodonosor pelos Judeus passados a Espanha, outros que é a de Cristo pelos apóstolos, quando vieram pregar a ela. Mas eu, conciliando facilmente estas duas opiniões e mostrando que a profecia se entende mais particularmente de Portugal, digo que falou o profeta de uma e outra transmigração, porque de ambas as transmigrações foram uns e outros os primeiros ministros da Fé que a plantaram em Portugal, donde ela depois tão felizmente se transplantou às regiões do Austro. O fundamento que tenho para assim o dizer, porei aqui com as palavras do arcebispo Dom Rodrigo da Cunha, o qual, na primeira parte da *História Ecclesiástica Bracarense*, falando do apóstolo Santiago, diz desta maneira: “Entrou em Braga o Santo Apóstolo, e para entrar com estrondo de trovão (cujo filho o chamara Cristo Nosso Senhor ¹¹⁷) se foi a uma sepultura célebre, onde jazia enterrado de seiscentos anos um santo profeta, judeu de nação, e que ali viera dar com outros cativos mandados de Babilónia por Nabucodonosor, chamado Malaquias-o-Velho, ou Samuel-o-Moço; e em presença de infinito povo, chamando por ele, o ressuscitou em nome de Jesus Cristo, a quem vinha pregar e publicar por verdadeiro Deus; bautizou-o pouco depois e, dando-lhe o nome de Pedro, o escolheu e tomou por primeiro e principal de todos seus discípulos.” ¹¹⁸

Até aqui esta maravilhosa história, tirada de autores e memórias mui antigas, e particularmente do testemunho de Santo Atanásio ¹¹⁹, bispo de Saragoça, em uma carta a Dom Hugo, bispo do Porto, o qual conheceu ao mesmo Pedro ressuscitado e escreve e escreve o caso quase pelas mesmas palavras (que por isso não traduziremos) e são as seguintes: *Ego novi Sanctum Petrum, primum Bracharensem episcopum, quem antiquum prophetam suscitavit Sanctus Jacobus Zebedaei filius, magister meus, hic venerat cum duodecim tribubus missis a Nabuchodonosore in Hispaniam Hierosolymis, duce Nabucho-Cerdam vel Pyrrho, Hispanorum praefecto. Dicitur est hic propheta Samuel Junior vel Malachias Senior propter morum gravitatem et vultus pulchritudinem, Uriae prophetae filius. Factus episcopus, multos Judaeorum ad fidem convertit, dicens se venisse cum illorum majoribus et praedicasse transmigratis* ¹²⁰.

De sorte que ambas as transmigrações de Jerusalém concorreram para a Fé de Portugal: a de Cristo com o apóstolo Santiago e a de Nabucodonosor com o profeta Malaquias, depois São Pedro (vulgarmente de Rates ^{120-a}), que foi a pedra fundamental, depois do sagrado apóstolo, da Igreja de Portugal. Os filhos desta Igreja e herdeiros desta fé foram os que dali a tantos anos dominaram, com os estandartes dela, as cidades e regiões do Austro, que são propriamente as que correm de uma e outra parte do Oceano Austral: à parte direita pela costa da América ou Brasil, e à esquerda pela costa de África ou Etiópia, a cuja rainha Sabá chamou Cristo *regina Austri* ¹²¹. E estas são as terras de que no comento deste texto faz menção Cornélio: *Americam, Brasiliam, Africam, Aethiopiam* ¹²². Assim se cumpriu nos Portugueses a profecia de Abdias: *transmigratio, quae est in Hispania, possidebunt civitates Austri*. E esperamos que seja novo complemento dela o domínio da terra incógnita, geralmente chamada “Terra Austral”.

O *Cântico* de Habacuc, que é a matéria de todo o terceiro capítulo e último deste profeta, tem por assunto o triunfo de Cristo, com que por meio de sua Cruz triunfou, em um dia, da morte, do Demónio e do pecado e, depois, em vários tempos, foi triunfando da idolatria e da gentildade conforme a dispensação da sua Providência. A parte marítima deste triunfo, que também foi naval, pertence principalmente aos Portugueses, por meio de cuja navegação e pregação sujeitou Cristo à obediência de seu Império tantas gentes de ambos os mundos. Isto quer dizer o profeta no verso oitavo: *Ascendes super equos tuos, et quadrigae tuae salvatio* ¹²³; e no verso quinze: *Viam fecisti in mari equis tuis in luto aquarum multarum* ¹²⁴: “que abriu Cristo o caminho pelo mar à sua cavalaria, para que pisasse as ondas, e que a guerra que com esta cavalaria havia de fazer, não era para matar os homens, senão para os salvar e, salvando-os, triunfar deles. *Equitatio tua salus, hoc est, Evangelistae tui portabunt te* ¹²⁵, diz Santo Agostinho, e verdadeiramente não se podia dizer coisa mais apropriada aos Portugueses.

Os Portugueses foram aqueles cavaleiros a quem Cristo abriu o primeiro caminho pelo mar: *viam fecisti mari equis tuis*; os Portugueses, aqueles cavaleiros que pisaram as ondas do mar, como os cavalos pisam o lodo da terra: *in luto aquarum multarum*; e as naus dos Portugueses, aquelas carroças que levaram pelo mar a Fé e a salvação: *et quadrigae tuae salvatio*. E a primeira empresa e vitória desta cavalaria de Cristo foi a sujeição do mesmo mar bravo, soberbo, furioso e indómito, que ou Cristo lhe sujeitou a eles, ou eles o sujeitaram também a Cristo, para que o reconhecesse e adorasse. O mesmo profeta o disse assim: *Numquid in mari indignatio tua?* ¹²⁶: “Porventura, Senhor, há-de ser eterna a vossa indignação no mar?” e responde a esta sua pergunta que o mar submetterá suas ondas: *Gurges aquarum transiit* ¹²⁷; que os abismos confessariam a potência de Cristo a vozes: *Dedit abyssus vocem suam* ¹²⁸; e que as suas alturas ou profundidades com as mãos levantadas o adorariam e reconheceriam por Senhor: *Altitudo manus suas levavit* ¹²⁹. Esta foi a primeira vitória de Cristo, e este da sua cavalaria o primeiro triunfo.

Mas para que se veja o grande mistério desta metáfora da Cavalaria de Cristo de que usou o profeta (deixando à parte haver sido esta empresa dos primeiros descobrimentos e conquistas dos Portugueses, por si mesma e na opinião do mundo, tão cavalheirosa, que não só os mesmos Portugueses, senão ainda os

estrangeiros, faziam grande preço de se armarem nela cavaleiros, como lemos que o fizeram alguns de Alemanha e da Dinamarca), faz muito ao caso advertir o que escreve o nosso insigne historiador destas conquistas, que quero pôr aqui por suas próprias palavras: “Mas ainda foi acerca dele (falando do Infante Dom Henrique) outra coisa muito mais eficaz, que era a obrigação do cargo e administração que tinha de governador da Ordem da Cavalaria de Nosso Senhor Jesus Cristo, que el-rei Dom Dinis, seu tresavó, para esta guerra dos Infieis ordenou e novamente constituiu.”¹³⁰ E mais abaixo, no mesmo capítulo, que é o segundo do primeiro livro, *Década Primeira*: “Assentou em mudar esta conquista para outras partes mais remotas de Espanha do que eram os reinos de Fez e Marrocos, com que a despesa deste caso fosse própria dele e não taxada por outrem, e os méritos de seu trabalho ficassem metidos na Ordem da Cavalaria de Cristo, que ele governava, de cujo tesouro podia despende.”¹³⁰ De sorte que dizer o profeta que Cristo havia de abrir caminho no mar à sua cavalaria e que a empresa desta cavalaria havia de ser a salvação das almas, não só tem a fermosura da metáfora, senão a propriedade do caso e a verdade da história e cumprimento da profecia; pois verdadeiramente esta admirável empresa não foi obra de outro príncipe senão de um que era propriamente administrador e governador da Ordem da Cavalaria de Cristo, e feita não com outras despesas senão com as rendas e tesouros da mesma Cavalaria, e serviços e merecimentos próprios dela.

E porque o maior ministro do Evangelho que se embarcou nas carroças desta cavalaria para levar a salvação às terras e gentes que ela descobriu e conquistou foi o grande apóstolo da Índia, São Francisco Xavier (cujos primeiros trabalhos foram os da navegação da costa de África e pregação da Fé em Moçambique), é coisa memorável e muito digna de se referir neste lugar que também ele foi Cavaleiro da mesma Ordem. Na história do Padre Marcelo Mastrilli¹³¹, a quem São Francisco Xavier restituiu milagrosamente a vida para que a fosse dar por Cristo no Japão, onde padeceu glorioso martírio, se conta uma visão em que o mesmo santo apóstolo apareceu vestido com o manto branco da Ordem de Cristo e com a cruz vermelha no peito, como insigne Cavaleiro desta Santa Cavalaria, e que tanto adiantou em nossas conquistas a glória de sua empresa — singular prerrogativa por certo da Ordem dos Cavaleiros de Portugal, não havendo outra entre todas as da Cristandade que se possa gloriar de ter tão ilustre cavaleiro, nem de que, sobre os dotes da glória, se vestisse o seu manto e a sua cruz, mas todo esse favor do Céu merece uma Cavalaria que tanto mar, tanto mundo e tantas almas conquistou para o mesmo Céu.

Para confirmação de tudo isto e para que os Portugueses conheçam quanto devem a Deus pelos escolher para instrumentos de obras tão admiráveis, e para que se não admirem, quando lhes dissermos que os tem escolhidos para outros maiores, não pode haver melhor testemunho que o proêmio do mesmo profeta, com que deu princípio a este cântico triunfal das vitórias de Cristo: *Domine* (começa ele), *audivi auditionem tuam et timui*; *Domine, opus tuum vivifica illud in medio annorum notum facies; cum iratus fueris, misericordiae recordaberis*¹³².

Quando Deus revelou ao profeta e quando o profeta ouviu de sua boca o que havia de fazer nos tempos vindouros, diz que ficou cheio de temor e assombro (assim o interpretaram os Setenta, acrescentando, por modo de glosa, no mesmo

texto: *consideravi opera et expavit*)¹³³, porque não houve obra de Deus, depois do princípio e criação do mundo, que mais assombrasse e fizesse pasmar aos mesmos homens que o descobrimento do mesmo mundo, que tantos mil anos tinha estado incógnito e ignorado, nem que maior e mais justo temor deva causar aos que bem ponderarem esta obra, que a consideração dos ocultos juízos de Deus, com que por tantos séculos permitiu que tão grande parte do mundo, tantas gentes e tantas almas vivessem nas trevas da infidelidade, sem que lhes amanhecessem as luzes da Fé — tão breve noite para os corpos, e tão comprida noite para as almas! Mas no meio desses compridíssimos anos, diz o profeta que faria Deus que se descobrisse e conhecesse o que então estava oculto: *in medio annorum notum facies*; e que, tendo durado tantos séculos sua ira contra aquelas gentes idólatras, alfim se lembraria de sua misericórdia: *cum iratus fueris, misericordiae recordaberis*; e que então tornaria o Senhor a vivificar a sua obra: *opus tuum in medio annorum vivifica illud*. Os Setenta, traduzindo juntamente e explicando, leram: *Cum appropinquaverint anni, cognosceris*¹³⁴: “Quando chegarem os anos determinados por vossa Providência, então sereis conhecido.” E este novo conhecimento que Deus deu àquelas nações por meio dos nossos apóstolos e pregadores da sua Fé, foi tornar a ressuscitar a mesma obra que tinha começado pelos primeiros apóstolos, que naquelas mesmas terras a pregaram, e com o tempo estava em umas partes amortecida e em outras totalmente morta; isso quer dizer: *opus tuum vivifica illud*, ou — como traslada Símaco: *reviviscere fac ipsum*¹³⁵.

E o mesmo profeta mais abaixo se comenta a si mesmo, dizendo: *Suscitans suscitabis arcum tuum*¹³⁶: “Vós, Senhor, tornareis a ressuscitar o vosso arco” (que é a sua cruz), por meio de cuja pregação se ressuscitaria também a Fé e a vitória dela naquelas nações. Assim o profetizou na Índia o seu primeiro apóstolo São Tomé¹³⁷, quando na cidade de Meliapor, então famosíssima, levantando uma cruz de pedra em lugar distante das praias não menos que oito léguas, lhes disse e mandou esculpir no pé dela que, quando o mar ali chegasse, chegariam também pelo mar, de partes remotíssimas do Ocidente, outros homens da sua cor que pregassem a mesma Cruz, a mesma Fé e o mesmo Cristo que ele pregava. Cumpriu-se pontualmente a profecia, porque o mar, comendo pouco a pouco a terra, chegou ao lugar sinalado e, no mesmo tempo, chegaram a ele os Portugueses. Igual glória (e não sei se maior) de Portugal à da Índia, que a Índia tivesse a São Tomé por seu apóstolo, e Portugal por seu profeta. Ainda Portugal não era de todo cristão, e já os apóstolos plantavam as balizas da Fé em seu nome, e conheciam e pregavam que ele era o que havia de fazer cristão a todo o mundo. Lembre-se outra vez Portugal destas obrigações e de quanto lhe merece Cristo!

O profeta Sofonias, no terceiro capítulo, também falou muito particularmente neste glorioso assunto: *Ultra flumina Arthiopiae* (diz ele, ou por ele¹³⁸ Deus) *inde supplices mei, filii dispersorum meorum deferent munus mihi*¹³⁹. As quais palavras entendem Árias, Vatablo, Castro e Cornélio das nações que estão além do Tigres e do Eufrates, isto é, dos Chinas, Japões e outras gentes da Índia menos remotas, que por meio da pregação dos Portugueses se haviam de ajoelhar diante dos altares de Cristo, e lhe haviam de levar e oferecer seus dões em testemunho de o reconhecerem por verdadeiro Deus. Mas contra esta explicação parece que se

opõem as primeiras palavras do texto, que verdadeiramente falam de gentes que estão além dos rios da Etiópia: *ultra flumina Aethiopiae, inde supplices mei*, etc. Logo, segundo o que acima deixámos dito ¹⁴⁰, não se pode entender este texto das gentes orientais. Por este argumento há outros autores que o entendem do Brasil e da América. E posto que de um e outro modo sempre o oráculo ou elogio deste profeta nos fica em casa, digo que de uma e outra terra e de uma e outra gente se pode entender.

E a razão é porque (segundo Strabo, Éforo, Heródoto e outros), debaixo do mesmo nome Etiópia, se compreendiam antigamente duas Etiópias: uma oriental, que estava na Ásia além do Tigres e Eufrates (donde era a mulher de Moisés, chamada por isso “Etiopissa” ¹⁴¹, e outra ocidental, na África, que são todas aquelas terras que cerca o Mar Oceano até o mar Roxo. As palavras de Heródoto são estas: *Hi Aethiopes, qui sunt ab ortu solis [...] sub Pharnazatre censebantur cum Indis, specie nihil admodum a caeteris differentes, sed sono vocis dumtaxat atque capillatura; nam Aethiopes, qui ab ortu solis sunt, promissos crines; qui ex Africa, crispissimos inter homines habent* ¹⁴². De sorte que também havia Etiopes na Ásia, como são hoje os que se conservam com o mesmo nome na África, e só se distinguiam uns dos outros no som da voz e no cabelo, porque os da Ásia tinham o cabelo solto e corrido, e os da África crespo e retorcido; a qual distinção não só é necessária para o entendimento de muitos lugares das Escrituras, senão ainda dos historiadores e poetas antigos, que de outro modo se não podem bem entender.

Nem faça dúvida a esta distinção a palavra *Chus*, de que usa indistintamente o original hebreu, onde nós lemos “Etiópia”; porque, ainda que Membrot, filho de Chus e neto de Cham, deu o nome de seu pai às terras orientais, onde habitou e povoou, os descendentes deste mesmo Membrot e deste mesmo Chus foram (como diz Éforo, referido por Strabo) os que depois passaram a África e a povoaram, e levaram consigo o nome que tinham herdado de seu pai e de seu avô; e assim como uns e outros, na língua latina, se chamam *Aethiopes*, assim uns e outros, na língua hebraica, se chamam *Chuteus* e a sua terra *Chus*. Donde se segue que, quando na Escritura se acha este nome sem outra diferença (como neste lugar de Sofonias), se pode entender de qualquer das Etiópias; porém quando se ajuntam na história ou narração algumas diferenças que o determinem, então se há-de entender determinadamente, ou só da Etiópia Oriental, ou só da Ocidental, como nós fizemos no texto de Isaías ultimamente referido.

No capítulo dezasseis do *Apocalipse* diz São João: *Et sextus Angelus effudit phialam suam in flumen illud magnum Euphraten, et siccavit aquam ejus, ut praepararetur via regibus ab ortu solis* ¹⁴³: “Que o sexto anjo derramou a sua redoma sobre aquele grande Eufrates, e que secou suas águas para aparelhar o caminho aos reis do Oriente.” O maior impedimento de águas que tinham os reis do Oriente para passar a Jerusalém, era o rio Eufrates, por ser o mais profundo e mais caudaloso da Ásia; e este impedimento, diz São João que se lhe havia tirar, de modo que pudesse passar o Eufrates a pé enxuto. Mas debaixo das figuras deste enigma se significava outra melhor Jerusalém, que é Roma e cabeça da Igreja, e outro maior Eufrates, que é o Mar Oceano, pelo qual se abriu caminho aos reis do Oriente para que pudessem vir à Igreja. Assim como o profeta Jeremias chamou ao Eufrates mar, não é muito que São João chamasse ao mar Eufrates, principalmente

acompanhado daqueles dous epítetos de alusão à grandeza: *illud magnum Euphraten*. E este grande Eufrates é aquele grande mar pelo qual os Portugueses (maior façanha e ventura que a outra de Ciro ¹⁴⁴) fizeram passagem a pé enxuto nas suas grandes naus da Índia, para levarem nelas a Fé ao Oriente e trazerem tantos reis orientais à obediência e sujeição da Igreja. Não sou eu nem autor português (como quase todos os que até agora tenho alegado) o que isto digo, senão o doutíssimo Genebrardo, insigne professor parisiense das Letras Sagradas, falando em geral dos Espanhóis e, em particular, dos Portugueses, a quem só pertence a conversão dos reis do Oriente, o diz assim sobre este mesmo lugar do *Apocalipse*.

O mesmo evangelista e profeta São João, no capítulo décimo, diz que viu descer do Céu um anjo forte, cujas insígnias descreve largamente, que nós pode ser expliquemos noutra lugar; neste basta dizer que tinha na mão um livro aberto: *et habebat in manu sua libellum apertum* ¹⁴⁵, e que pôs o pé esquerdo sobre a terra e o direito sobre o mar: *et posuit pedem suum dextrum super mare, et sinistrum super terram* ¹⁴⁶.

Este anjo forte (diz Pedro Bulênger) é Cristo; o livro, o Evangelho explicado; e os pés de seu corpo místico (que é a Igreja), os pregadores apostólicos, que levam pelo mundo ao mesmo Cristo e seu Evangelho; entre os quais o pé esquerdo, que está sobre a terra, são aqueles que, sem sair da terra firme, pregaram nela; e o pé direito, que está sobre o mar, os que, navegando às regiões apartadas e remotas de nosso hemisfério, levam a elas a Fé de Cristo e a luz de seu Evangelho. Donde se segue que o pé direito, que Cristo pôs sobre o mar para esta gloriosa evangélica empresa, são entre todas as nações do mundo por excelência os Portugueses. Não os nomeou por seu nome este autor, mas nomeou-os por suas obras, que é o mais honrado nome e de maior estimação que lhes podia dar, explicando-se com as palavras seguintes: *Istud nostra memoria factum videmus, qua quidem regna a nobis longe dissita et incognitae regiones, teterrimo daemonum cultui addictae, opera Patrum Societatis nominis Jesu ad Christi religionem traductae sunt. Sinenses enim, qui populi ad veteres Indias spectant et infideles sunt, relicto daemonum cultu, ad octo millia primum (et in his reges et principes permultique proceres et optimates) sub annum Domini 1564 Christi Jesu fidem susceperunt; deinde multae Indorum insulae et regiones Christianam Catholicamque amplexae sunt doctrinam, et integrae civitates sacro sunt ablutae baptismate* ¹⁴⁷: “Em cumprimento desta profecia (diz Bulênger, alegando a Súrrio) vemos que os reinos e regiões muito apartadas de nós, que adoravam nos ídolos ao Demónio, pela indústria dos Padres da Companhia de Jesus se têm passado à verdadeira religião; porque os Chinas, que pertencem às antigas Índias e são infiéis e gentios, deixado o culto da idolatria no ano de 1564, receberam a Fé de Cristo em número de oito mil, em que entraram príncipes e reis e muito grandes senhores; e noutras muitas ilhas e terras de tal maneira abraçaram os Índios a doutrina cristã e católica, que as cidades inteiras se baptizavam.” Tão felizmente triunfa Cristo pela voz e espada dos Portugueses com o pé direito no mar, e o livro na mão direita!

No capítulo seguinte se verão muitos lugares de vários profetas, explicados todos por autores que escreveram de cem anos a esta parte, depois que por meio da navegação do Mar Oceano se quebrou o fabuloso encantamento dos negados

Antípodas, e se descobriam tantas terras e gentes não somente incógnitas aos Antigos, mas nem ainda presumidas ou imaginadas deles. Ali veremos as admiráveis propriedades e miudíssimas circunstâncias com que os mesmos profetas falaram dos mares, das ilhas, das navegações, das terras, dos sítios, das minas, das árvores, dos frutos, das gentes, dos costumes, da cegueira e infidelidade em que viviam, e sobretudo da fé e luz do Evangelho, com que por meio dos pregadores de Cristo o haviam de conhecer, adorar e servir, como hoje conhecem, adoram e servem com tanta glória da Igreja.

Agora só pergunto: como era possível que aqueles antigos e antiquíssimos autores explicassem neste sentido aos profetas, ou como podiam entender nem perceber que destas gentes e destas terras e destes mares falavam os seus oráculos e profecias? Se criam tão firme e assentadamente que não havia nem podia haver Antípodas, como podiam explicar as profecias dos Antípodas? Se criam que a imensidade do Mar Oceano não era navegável e tinham este pensamento por absurdo, como haviam de entender as profecias destas navegações e destes mares? Se criam que a zona tórrida era um perpétuo incêndio e totalmente abrasada e inabitável, como haviam de entrepretar¹⁴⁸ as profecias dos habitadores da zona tórrida? Como haviam de cuidar nem lhe havia de vir ao pensamento que os profetas falavam dos Americanos, se não sabiam que havia América? Como dos Brasis, se não sabiam que havia Brasil? Como dos Peruanos e Chiles, se não sabiam que havia Peru nem Chile? Como haviam de interpretar os profetas das ilhas desertas ou povoadas do Oceano, se não sabiam que havia no mundo tais ilhas? Como dos Etiópes Ocidentais, se não sabiam que havia tal Etiópia? Como dos Japões, se não sabiam que havia Japão? Como dos Chinas, se não sabiam que havia China? Se os profetas nas figuras enigmáticas dos seus oráculos se declaram pela natureza, propriedades, costumes, exercícios e histórias das gentes de que falam, como havia de vir em conhecimento dessas gentes e desses reinos os que não podiam saber sua natureza, suas propriedades, seus exercícios, nem seus costumes nem suas histórias? Se declaram as terras pelos sítios, pelos rios, pelas árvores, pelos frutos, pelas minas e seus metais, como podiam conhecer nem atinar com as terras os que não tinham notícia de tais sítios, de tais rios, de tais minas, de tais árvores nem de tais frutos? E se ainda hoje, depois de descobertas e conhecidas estas terras e estas gentes, e se terem escrito tantos livros de sua história natural e política, ainda por falta de notícias mais particulares e miúdas se não acerta mais que em comum¹⁴⁹, e não individualmente, com algumas das terras e gentes de que os profetas falaram, que seria na confusão escuríssima da Antiguidade, em que nenhuma destas cousas se sabia nem se imaginava, antes as contrárias delas se tinham por averiguadas e certas?

Frei João de la Puente, naquele seu erudito livro da *Conveniência das duas Monarquias: Romana e Espanhola*, trabalhando por explicar de Espanha certo lugar de Isaías¹⁵⁰, diz assim dos teólogos, sendo ele mestre em Teologia: *La falta de geografia y de otras artes liberales es causa que los teólogos no atinen con el sentido de la Divina Escritura*¹⁵¹. E isto que se não pode dizer dos teólogos de noso tempo sem grande nota¹⁵² de sua ciência e diligência, depois de o mundo estar tão descoberto e conhecido, é obrigação e força que o digamos ou suponhamos dos teólogos

antigos, por doutíssimos e sapientíssimos que fossem (como verdadeiramente eram), sem agravo nem menos decoro de sua grande erudição e sabedoria, porque sabiam a geografia de seu mundo, e não podiam saber nem adivinhar a do nosso. Só por nova revelação e luz sobrenatural podiam conhecer os autores daquele tempo o que nós tão fácil e naturalmente conhecemos hoje. Mas esta revelação e esta luz, posto que fossem varões santíssimos e tão favorecidos de Deus, não quis o mesmo Deus que eles então a tivessem, porque era disposição mui assentada de sua Providência que estas cousas se não soubessem e estivessem ocultas até aqueles tempos medidos e taxados por ela, em que tinha decretado se soubessem e descobrissem.

*Fide intellegimus aptata esse saecula verbo Dei, ut ex invisibilibus visibilia fierent*¹⁵³. Diz o apóstolo São Paulo que “acomodou Deus e repartiu os séculos conforme os decretos da sua palavra, para que das cousas invisíveis se fizessem as visíveis”. Por onde não é muito que tanta parte do mundo e as gentes que o habitavam estivessem ignoradas e invisíveis por tantos séculos, e que depois chegasse um século em que se descobrissem e fizessem visíveis. E assim como, corrida esta cortina, se descobriram e manifestaram as terras e gentes de que tinham falado os profetas, assim se entenderam e descobriram também os segredos e mistérios de suas profecias. Destas terras ultramarinas encubertas e incógnitas falava Isaías, quando disse no capítulo 24: *In doctrinis glorificate Dominum; in insulis maris nomen Domini Israel*¹⁵⁴; e logo acrescentou: *Secretum meum mihi, secretum meum mihi*¹⁵⁵: “Este segredo é só para mim, este segredo é só para mim.” E se na mesma profecia estavam profetizadas as cousas e mais o segredo delas, como podia ser que contra a verdade infalível da profecia soubessem os Antigos este segredo, antes de chegar o tempo em que Deus tinha determinado de o revelar?

O *Cântico* do profeta Habacuc, que também trata destes novos descobrimentos ou triunfos da Fé na conversão destas gentes, tem por título: *Pro Ignorantiis*, ou — como lê Aquila e Símaco: *Pro Ignorantibus*¹⁵⁶. E se o conselho de Deus foi que o entendimento, ou de todas, ou de muitas cousas que ali cantou o profeta, se ignorasse, que agravo ou descrédito é, ou pode ser, dos antigos sábios que para eles fossem ocultas, incógnitas e ignoradas? Podem os homens ocultar os seus segredos, e Deus não será senhor de reservar os seus? Sendo, logo, certo que estes segredos da Providência Divina se não podiam alcançar por ciência humana, e que a mesma Providência tinha decretado que se não soubessem por revelação, ...